

ROBERTO MENDONÇA

L. Ruas
itinerário de uma vocação

2ª edição

EDITORA BELVEDERE
2004

Copyright © Roberto Mendonça,

Revisão: Roberto Mendonça

Fotos da capa e do álbum: Acervo do autor

Padres Onias Bento, L. Ruas, Jorge Normando, Juarez Maia,
desembargador André Araújo e professor Orígenes Martins
(a partir da esquerda).

Ficha Catalográfica: José Geraldo Xavier dos Anjos – CRB/11 n. 136.

R639

Roberto, Mendonça.

L. Ruas: itinerário de uma vocação. Manaus: Gráfica Belvedere, 2004.
p. 1??

1. Luiz Augusto de Lima Ruas – Biografia 2. Padre L. Ruas – Biografia
L. Ruas – Biografia I Título

CDD 922

Editora Belvedere
Rua Monsenhor Coutinho, 800 – Centro
69000-000 Manaus-AM
Fone: (0xx92)
e-mail:

Apresentação

Conheci pouco padre Ruas. Meses, se não me engano, três meses após minha posse como arcebispo de Manaus, ele, na época pároco de Nossa Senhora dos Remédios, sofreu gravíssimo acidente vascular no cérebro. Por anos mal conseguia andar e perdeu a fala. Pude acompanhá-lo em sua longa enfermidade através de visitas, que eram facilitadas pela proximidade de sua residência ao arcebispado. A comunicação era penosa devido a seu estado físico, mas percebia que ele ficava feliz. Pelo que ouvi de sua história, aqueles tempos foram o anoitecer de uma vida cheia de cultura, fé, lutas, épocas de boemia alternada com renovação de fervor religioso.

Conheci padre Ruas através de testemunhos de amigos e de livros saídos de seus ideais. Os amigos o admiram e contam casos. Entre eles encontra-se em lugar de realce Roberto Mendonça, que lança esta biografia — *Padre L. Ruas: itinerário de uma vocação* e prepara a edição de trabalhos esparsos ou inéditos do padre. Quanto ao presente trabalho, quem o ler terá uma boa ideia da vida e da obra de Luiz Ruas. Evidentemente, não se trata de uma biografia exaustiva e profunda, encaixando-se mais como leitura de divulgação. É bom mergulhar nestas páginas para conhecer o biografado e emergir pleno de admiração pelo biografado e pelo biógrafo.

Dom Luiz Soares Vieira

Arcebispo metropolitano de Manaus

Introdução

Também eu lamento. Mas o leitor não encontrará aqui uma biografia, como bem conhece ou como bem desejaria alcançar nestas páginas. Duas questões básicas interferiram: o costumeiro exíguo tempo que me limitou entre a oportunidade de produzir e o lançamento deste trabalho. Não havia recursos capazes de aprofundar a biografia do padre Luiz Ruas. A segunda vem em decorrência. Se não existia espaço bastante para uma competente pesquisa, por que arriscar, causando qualquer ofensa ao currículo de L. Ruas? Acrescento uma terceira, ainda outra derivação da primeira. Como eu havia arrecado acerca deste sacerdote e literato um bom número de documentos e, como poderiam se perder diante da seleção dos textos ora lançados, decidi, mesmo em modesto esboço, divulgá-los.

Apesar do quadro desfavorável, resolvi aproveitar os testemunhos recolhidos: de pessoas que desfrutaram da sua amizade; de alunos — e foram tantos — beneficiários de seus lúcidos ensinamentos; de colegas sacerdotes e amigos, que se recordaram com devotamento do amigo; dos adversários inclusive, sempre há, que vieram em meu auxílio para com seus depoimentos exornar o autor de *Aparição do Clown*. Com este material construí este bloco. Apontamentos ligeiros, os mais contundentes, pontuando os melhores feitos da vida deste eclesiástico. Narrados pelos que viveram magistrais momentos com L. Ruas.

Dele ainda há muito para compilar e, conseqüentemente, escrever. Volto a lamentar que o tempo presente dificultou-me o resgate do tempo passado de padre L. Ruas. Quem sabe, este conflito de tempo não tenha sido elucidado pelo próprio *clown* quando, despedindo-se do poeta Carlos Drummond de Andrade, cantou *O Enigma Esclarecido* (1987):

O que é inevitável, porém,
Há-de sempre acontecer:
No agora do pós-morte
Todo o enigma se aclara:
Queiramos ou não, seremos
Presentes no Seu presente.
E o hoje e o ontem do tempo
Se tornam claros. Pra sempre.

Em nome do Rei, está lançada a porfia.

Na noite do cinquentenário, 31 de outubro de 2004.

Roberto Mendonça

São poucos os que entendem
os símbolos,
muito menos os que acreditam neles.

L. Ruas
(*Entrevista com o menino*, O Jornal, 27.10.1966)

1

Preliminares.

A reconhecida avenida Joaquim Nabuco ainda abriga na casa nº 1638, quase esquina com a rua Leonardo Malcher, parte substancial da história da família Ruas. Por conseguinte, de Luiz Augusto de Lima Ruas, filho do casal Horizontino e Emília Ruas, nascido em 28 de novembro de 1931. Uma pequena herança dos avós, mas a acanhada edificação a despeito dos reparos ainda permanece estável. Foi neste local, apesar de temporariamente ocupar outro endereço (Vila Xavier, avenida Sete de Setembro), que Luiz Ruas fidelizando o bem familiar residiu até seu falecimento em 1º de abril de 2000, depois de amargurar por anos pesadas sequelas de um AVC (acidente vascular cerebral).

Aos cinco meses de idade, em 3 de abril de 1932, *o inocente Luiz* foi batizado na igreja de São Sebastião pelo vigário, frei Wenceslau de Spoleto OMC, tendo por padrinhos Mario Souto e Maria Elsa Andrade Souto (do batistério arquivado na Cúria Metropolitana). Entretanto, o nascimento apenas foi registrado (Lv. 57, termo 866, fl. 68) no último dia de 1940. E foi realizado pelo genitor no cartório de Carlos Augusto Machado, hoje do 2º Ofício, indicando os avós paternos: José Antonio Ligeiro Lima Ruas e Vicência Flores Ruas; e maternos: Miguel de Souza Lima e Gonçalina de Souza Lima.

Quando Luiz Augusto estava a caminho do Seminário São José (1943), o pai necessitou promover uma retificação no registro civil, posto que a data estava incorreta (1932 por 1931). Do pai — Horizontino Ruas, se sabe ou se fala muito pouco: que foi empregado dos correios, todavia, posso esclarecer que foi em curto período soldado da Polícia Militar do Estado. Constante apreciador de uma "boa ideia", que sempre acompanhou desconfortos à família. Faleceu em 1977. A cearense Emília Ruas — a mãe — será venerada pelo filho sacerdote. Tamanha veneração, L. Ruas demonstrou ao consagrá-la em todos seus livros e, contam os mais chegados, cuidar dela com estremo zelo até o derradeiro instante de vida. Emília faleceu em 1980. Seu nome batiza a rua em frente à igreja de São Jorge.

Semelhante a de tantos infantes na capital agora sem fausto, mas usufruindo os recursos familiares, correu a infância de Luiz Augusto (como era mais conhecido ao tempo do Seminário): “Estudou as primeiras letras com uma tia e depois se matriculou no Grupo Escolar Farias Brito”. Os detalhes competem aos editores de *Poemeu* (1985), clonados pelo organizador de *A poesia amazonense no século XX* (1998). O grupo escolar foi criado em 1934, e instalado na rua Major Gabriel, próximo da rua Ramos Ferreira, onde depois funcionou uma agremiação recreativa, dos *Gazeteiros*. Grande coincidência, atrás do Seminário. Em seguida, foi transferido para uma edificação em frente à Escola Técnica e, em nossos dias, acolhe novíssima juventude como Escola Estadual de ensino fundamental, localizada na rua Santa Isabel no cruzamento com a avenida Duque de Caxias, no bairro da Praça 14.

Quanto à primeira professora, penso se tratar da tia Alba (irmã de Emília), esposa de Branco Silva (nome artístico de Leovigildo Ferreira da Silva, filho de portugueses radicados no Amazonas, nascido em 1891 e falecido nesta capital em 1961). Tomara que tenha sido assim, senão... Quem me socorre é o próprio sobrinho, despedindo-se do parente em — *Adeus, tio Branco*, uma das crônicas integrante de *Linha d'Água* (1970). É conveniente recordar Branco Silva (que alguns implicam em acrescentar um “e” entre os nomes), que influenciou marcadamente o futuro poeta. No Amazonas, o tio Branco foi um pintor e decorador de renome. Muito mais identificado, creio, pelo *Presépio Maravilha* (O JORNAL, 08.01.1948) que instalou em edifício situado na praça Oswaldo Cruz ou vulgarmente da *Estação*, que a cada Natal se apresentava mais arrojado. O esplendor do presépio se fortificava com os movimentos de seus diversos componentes. O *presépio* destacava-se ainda mais pela movimentação e pelos sons imitativos de diferentes animais. Toda essa vivacidade decididamente impressionou as crianças das décadas de 1940/50.

Nesta crônica, L. Ruas conta com mais propriedade e vivência.

Foi você, tio Branco, quem guardou a nossa infância. Perto de você, sempre me senti menino. Às vezes, nem precisava estar perto de você. Às vezes, eu estava longe. Eu estava no Rio, no Ceará, em São Paulo e você, aqui, trancado no seu ateliê, pintando, humildemente pintando, mas, sempre, com carinho, com entusiasmo, sempre extasiado. Bastava eu ouvir a Ave Maria de Schubert ou de Gounod e lá estava eu no seu próprio presépio. No presépio da Eduardo Ribeiro, no tempo em que o camelo não virava o pescoço, solenemente, como um paxá, nem Nossa Senhora mostrava o menino. Ou no presépio da Praça Oswaldo Cruz ou como nós chamávamos, sem pedantismo, da estação.

Aqueles privilegiados visitantes do presépio (como o autor deste esboço) sentem hoje uma grave emoção. A mesma que o sobrinho Ruas soube captar e segredar ao tio falecido: “Nos vimos o seu presépio. Amanhã, as crianças que hão de vir, desejarão ter vivido no seu tempo, tio Branco. Aí nós lhes contaremos como era o presépio”.

Na casa dos tios e avós Luiz viveu sua infância. Ele mesmo nos descreve, na sequência da crônica sobre o *tio Branco*.

Como é bom a gente se lembrar das calças curtas, das roupas novas, do sapato novo, do carrinho, da bola, das pequenas brigas, das imensas manhãs vazias que valiam por três ou quatro dos dias inteiros, curtos e esmirrados de hoje. O tempo não passava. [...] O tempo? O que era o tempo? O que era o tempo no fundo do quintal da casa da vovó? Era alguma coisa parecida com a voz de mamãe chamando para o almoço. Ou para merendar. Para tomar banho ou mudar de roupa.

E prossegue descrevendo as atividades próprias de seu *tempo de menino*. “O tempo era um brinquedo nosso. Nós o inventávamos. O dia podia ser noite. A noite, dia”. Enfim, a descoberta que o deixou amargurado: “O inesperado para todas as crianças sempre acontece. Depois, o tempo fugiu de nossas mãos como o sonho de Peter Pan”.

A reprodução ainda que parcial desta crônica delineia um painel da vida do garoto Luiz. Um painel bem otimista, bem alvissareiro. Através da peça literária, é fácil observar que a família possuía recursos financeiros, capazes de suprir com presteza os bens necessários à vida social.

2

Da Infância

Com residência na avenida Joaquim Nabuco, a família Ruas frequentava a paróquia de São Sebastião confiada aos frades capuchinhos. Era muito comum à época, por parte de jovens, a colaboração nos atos religiosos. Exercitavam a função há muito conhecida por coroinha, àquele tempo, entretanto, reservada ao sexo masculino. Assim ocorreu com o menino Luiz Augusto junto aos frades. Este conveniente envolvimento religioso animou nosso coroinha a realizar sua primeira comunhão — hoje dito primeira eucaristia, na igreja do Santo Guerreiro.

Os detalhes destas memórias cabem ao próprio L. Ruas, evocados na crônica *São Sebastião — 50 Anos* (Jornal do Commercio, 23.08.1962) com que saúda o jubileu de ouro daquela igreja.

Ser coroinha foi outra coisa boa da minha vida. Primeiro decorar as respostas em latim da Missa. Depois as cerimônias. As novenas.
— Eu vou do lado direito.
O lado direito era o da campainha.
Mas o melhor mesmo era ir bater o sino. O sacristão determinava.
— Vai o fulano, o beltrano e o sicrano.
O quarto era ele.
Da primeira vez eu quase fiquei surdo. Depois me acostumei. O problema era chegar bem cedo para ser escolhido.

A curiosa descrição pode até nos causar surpresa, contudo, *in illo tempore*, o devotamento pueril ao serviço religioso era costumeiro, até edificante. Agradava às famílias. Ilustrando, valho-me da crônica sobre o *tio Branco*. A disposição sobre o tempo e a forma, qualquer forma, que encontravam para se divertirem, para o cronista e seus primos, era exuberante. Tudo permitia meios e oportunidades para o sonho, para o lúdico. Até o bimbalar dos sinos, me parece.

Adiante o cronista descreve com vivo entusiasmo quando, na festa da Assunção de Nossa Senhora (15 de agosto), possivelmente de 1938, recebeu pela primeira vez a hóstia consagrada.

Mais tarde aconteceu a coisa mais séria da minha infância: a Primeira Comunhão. À

medida que se aproximava o dia 15 de agosto ia crescendo em mim um sentimento confuso, um pouco de medo, um pouco de alegria. De quando em vez mamãe voltava da cidade com uma peça do enxoval. O pano para a camisa. As meias brancas. O sapato. O livrinho de orações.

Do dia catorze para o dia quinze eu não dormi direito. Cedo já estava acordado. Por que não dizer? Eu me sentia um tanto sem jeito dentro das calças compridas e do paletó. Mas, ao mesmo tempo, radiante. Feliz. E importante. Eram muitos os meninos que iam fazer a Primeira Comunhão. Entramos na igreja cantando. Frei José celebrou a Missa e na hora da Comunhão fez um sermão e falou num general chamado Napoleão Bonaparte que foi muito mau, fez muitas guerras, mas nunca esqueceu o dia da Primeira Comunhão. E um dia ele entrava numa cidade conquistada por ele e aí viu numa rua um padre já velho (na ocasião eu pensei que o padre velho era o próprio frei José. Mas não era, não). Ele então saltou do cavalo e respeitosamente beijou a mão do padre velho. Quando ele voltou um dos oficiais lhe perguntou porque fizera aquilo e Napoleão respondeu que foi aquele padre quem me deu a Primeira Comunhão. Aí eu pensei: se um dia eu for general e me encontrar com o frei José eu salto do meu cavalo...

É conveniente assinalar a convivência da família na paróquia, que antontem era mais intensa que hoje. Havia ocupação para todos e cuidados os mais diversos: as crianças com o *catecismo* preparatório da primeira comunhão; os adolescentes com a *cruzada*, os *marianos* e as *filhas de Maria*; os adultos participavam do *Apostolado da Oração* e da *Irmandade do Santíssimo*, estes os únicos movimentos que ainda perduram. Desta maneira, é fácil compreender a influência religiosa que se processou no coroinha Luiz Augusto. Na aludida crônica, ele mesmo nos conta:

Era a quermesse. A praça regurgitava. As barracas iluminadas. Não me lembro se havia música de alto-falante. Não me lembro se havia. As mãos enormes e delicadas de frei Hermenegildo me colocaram em cima da mesa.

— O que é que você quer ser quando for grande?

— Padre.

Ele me deu um santinho. Era um São José com um menino Jesus no colo e segurando um lírio na outra mão. Este São José andou comigo, dentro de meus livros, durante muito tempo. Às vezes desaparecia. Passava muito tempo sem que eu o visse. De repente ele aparecia dentro do *Pequeno Escolar*. Um dia eu o perdi definitivamente.

E dilatando a conversa, expõe a decisão de ingressar na vida religiosa.

Nisto veio o tempo de eu entrar para o Seminário. Entrei. Mas não deixei de ir a São Sebastião. Nas férias era lá que assistia a Missa. Então eu de certa maneira me reintegrava no meu tempo de coroinha. Digo de certa maneira porque o mundo dos coroinhas é muito instável. Os coroinhas mudam muito. Nas férias seguintes já eram outros. E depois, ser seminarista nos afastava um pouco. Eles me olhavam com um certo respeito. Talvez eu desse motivos para isso. Talvez, os meus ares de seminarista tinham uma coisa que eu nunca perdi. Eu sempre me distraía olhando para aqueles murais da capela-mor. Principalmente o da batalha de Alba. Do duque de Alba. E a distração era maior durante o sermão. Quando eu via o sermão já estava no fim.

Com este firme propósito, o adolescente Luiz Augusto traçou o itinerário de uma

vocação, de sua vocação sacerdotal.

3

Estudos Secundários.

Cumpriu-se a decisão. Podemos supor que devido igualmente às orações de sua mãe e de frei Hermenegildo, o primeiro religioso que ouviu a decidida proposta de Luiz Augusto. Mas é preciso esclarecer que pelo menos outro fator interferiu: a instalação do seminário. A formação de padres em Manaus estava interrompida devido ao fechamento do seminário criado em 1848, e submetido à proteção de São José, como tantos no país.

O quinto bispo do Amazonas, dom João da Matta Andrade e Amaral (1941-48), reabriu o Seminário em 19 de março — dia de São José — de 1943. Elson Farias (1993), cronista do centenário da arquidiocese de Manaus, assim narra o evento. “Seu primeiro ato concreto nessa direção, foi ceder a própria residência para que ali se instalasse a escola, sendo sua direção entregue ao primeiro Reitor, Pe. Luís Pascoal, da congregação salesiana”.

Dom João da Matta, empreendedor de méritos ainda hoje reconhecidos, fez edificar instalações para abrigar obras sociais e religiosas, que seguem servindo à Igreja e à própria comunidade. Entre estas, o Seminário. Quanto ao seminário, ao tomar a decisão de reabri-lo, contava apenas com um número de alunos. Para superar as deficiências e colocá-lo em funcionamento, cedeu dependências de seu próprio bispado. E os padres salesianos, que já cuidavam do colégio Dom Bosco, também se empenharam com a escola de formação de sacerdotes. As três entidades – seminário, colégio e bispado – ocupavam o mesmo terreno.

Um discípulo de Luiz Ruas, conseqüentemente, um dos primeiros seminaristas, revela em carta outros detalhes. Trata-se de Jorge de Andrade Normando que, nascido nesta capital, alcançou o sacerdócio no dia de São Pedro de 1956. Em nossos dias, no exercício do labor sacerdotal na medida de suas forças, cuida de *almas* em Belém do Pará. Faleceu em VVV

Belém, 22 de abril de 2004.

São linhas de reminiscências... do tempo, do tempo de *eu* menino. Como desejava entrar para o Seminário São José, reaberto por dom João da Matta em 19 de março de 1943, deveria me submeter ao exame de admissão a ser realizado no Colégio Dom Bosco, dos padres salesianos. O curso preparatório seria ministrado por um recente, mas ilustre

sacerdote do clero diocesano — padre R. Nonato Pinheiro. Fui aceito junto com outros meninos e ali nos preparamos para o referido curso. Associei-me a este grupo, no qual estava o adolescente de então Luiz Augusto de Lima Ruas. Exame feito, e com a devida aprovação, fomos convidados para fazer parte do Seminário.

Um parêntese para enquadrar a recordação do padre Jorge Normando. Manoel Bessa Filho (entrevista em julho 2004), outro vitorioso do grupo iniciante, foi quem verdadeiramente corrigiu esse rumo. Na verdade, Nonato Pinheiro ainda não era sacerdote, pois sua ordenação ocorreu em outubro de 1946. Naquela ocasião, quando aprontou os meninos para o exame de admissão, não concluíra o *seminário maior* devido a problemas pessoais. Deste modo aguardava um novo destino, que acabou sendo o seminário de São Luís do Maranhão, onde concluiu os estudos teológicos.

É ainda o padre Jorge Normando que, na carta de Belém, rememora:

Nos primeiros dias de março, mais precisamente, dia 4, entrávamos para iniciar esta longa caminhada, na concretização deste ideal: sermos padres. Quantos éramos e quantos chegaram a alcançar este objetivo? Estimo que uns vinte jovens dos quais, se muito, cinco chegaram até o final. Após cursarmos seis longos anos de Seminário Menor recebemos a sagrada vestição da batina, depois disso, cursamos o Seminário Maior, compreendendo dois anos do curso de Filosofia e quatro da Sagrada Teologia.

O Seminário Menor cursamos em Manaus sob os cuidados dos filhos de Dom Bosco, os salesianos. A primeira parte do Seminário Maior aconteceu no tradicional Seminário da Prainha, em Fortaleza. Já o curso teológico começamos no Seminário São José do Rio de Janeiro e o concluímos em Manaus. Uma tarefa arrojada de dom Alberto Ramos, então bispo do Amazonas, contando com a direção, no primeiro momento, dos padres salesianos e, finalmente, dos padres diocesanos.

Outras reminiscências deste início de jornada no seminário vêm do próprio Ruas, que as detalha na crônica *Há quinze anos* (A Crítica, 19.03.1958 — festa litúrgica de São José). Relembra não apenas seus doze anos de idade e sua decisão, mas outros tantos pormenores que a memória comumente implica em distorcer.

Foi assim que pude ressuscitar um passado de quinze anos quando acariciei, sorrateiramente, para que os outros presentes não o notassem, o corrimão daquela escada, por onde tantas vezes subimos e descemos. A escada permanece a mesma. As outras partes da casa mudaram muito. Portas foram abertas. Paredes vieram abaixo. Outras comunicações surgiram. A escada, porém, permanece. O mesmo corrimão de madeira que apoiou, durante anos, a fragilidade e a insegurança de muitas mãos infantis, ainda está lá, paciente e humilde dando-nos a extraordinária lição de suportarmos, vida afora, todos os que sobem ou todos os que descem.

O que é a vida senão uma ascensão e uma descida? Em todos os sentidos. Passamos a existência dentro deste ritmo permanente. Há os que sobem e há os que descem e uns e outros necessitam de um corrimão. Pois este corrimão nos ensinou, durante três anos, esta lição admirável. É-me impossível, no momento dizer, com certeza, quantos souberam aproveitá-la. É possível que muitos daquelas todos que lá viveram, não tenham aprendido

e nem mesmo tenham ouvido a lição. Gostaria de, no dia de hoje, encontrar-me com todos e procurar ouvir de suas bocas uma certeza.

Mas, onde andarão todos eles? Como as sementes que nascem no alto das montanhas e que o vento espalha, a vida os semeou, nos semeou, na imensa planície do mundo. É possível que muitos nem se lembrem, mas que, precisamente, há quinze anos atrás, estávamos todos reunidos, metidos em batinas mais ou menos improvisadas, à frente do palácio episcopal da Praça General Osório, numa tarde de março cheia de sol, ouvindo o verbo sempre cheio de calor também, do inolvidável D. João da Matta.

O tempo varreu da minha memória, os números. Vinte e oito? Trinta? Mas sou capaz de evocá-los nominalmente. Hoje, muitos são pais de famílias. Seus filhos, saberão um dia, um dia qualquer, no meio de uma conversa familiar que seu pai pensou, sonhou a vida sacerdotal. Alguns continuaram até o altar. Mas isso é o menos. O importante é que um dia estivemos juntos, há quinze anos atrás, à frente da casa episcopal cedida para ser o seminário provisório. E que todos nos empolgamos, nos entusiasmos, vibramos juntos. Ainda agora me surge à memória a figura de dom João da Matta e sua voz e seus gestos e seu sotaque pernambucano: "Se o Seminário de Manaus fechar as suas portas eu fugirei como Agar fugiu para o deserto para não ver o filho de suas entranhas morrer". A fé e a coragem do grande bispo sustentaram o Seminário naqueles primeiros anos difíceis. Tempo de guerra. Tudo muito escasso. Comida pouca. O seminário pobre, vivendo de esmolas, como até hoje vive. Poucos padres para tomar conta e dirigi-lo. Tudo improvisado. Dormitório. Refeitório. Capela. Salão de estudos. Dom Matta, porém, sustentava o Seminário com sua fé e com seu otimismo quase loucos, coadjuvado pelos padres salesianos à frente dos quais o queridíssimo e boníssimo Pe. Luís Pasquale foram indubitavelmente, um grande auxílio e um grande sustentáculo do sonho de Dom João.

L. Ruas prossegue com suas reminiscências:

Há muita coisa para dizer no Seminário e eu gostaria imensamente de dizer tudo o que sinto neste 15º aniversário. Mas não vai dar. Porque há muita coisa mesmo. E a gente fica embaraçado. Os fatos chegam atropeladamente. E chegam as fisionomias. Chegam as datas. As alegrias. As tristezas. As festas. As nossas festas. Os nossos estudos. As nossas brincadeiras. As nossas vitórias. Os fracassos. Os jogos. Os porões. Os castigos. As orações. Os cânticos. Ih! meu Deus! Quinze anos, meus irmãos que viveram juntos tanto tempo. Quinze anos. Dom Matta. Quinze anos. Padres. Reitores. Quinze anos! E parece que foi ontem. E parece que está sendo agora neste momento em que os tipos da máquina gravam no papel as letras. Estou sentindo todos vocês perto de mim. Estou sentindo tudo em mim. Meus amigos, onde estivermos, lembremo-nos no dia de hoje, daquela tarde cheia de sol em que ouvimos meninos, metidos nas batinas improvisadas, mal feitas, D. João da Matta reabrindo as portas do Seminário, para nós, para os que vieram depois, para os que hão de vir futuramente.

Outro seminarista aviva este reencontro. Nada sei dele, sei apenas que, caso sobreviva é *setentão*, se chama Renato de Oliveira. Sob o título —*O meu bom amigo padre Ruas (A Crítica, 26.03.1956)*, manifestou seu depoimento:

Conhecemo-nos quando alunos do Seminário, no ano de 1944. Nós, novatos, e com inexperiência própria de quem nunca foi interno. Ele, já veterano e afeito ao regime da Casa. Recebeu-nos com a mesma simpatia e bondade, características inconfundíveis, ainda hoje, de sua pessoa.

Gerou-se, dali, uma amizade sólida, que nem o passar dos tempos em nossos caminhos diversos tiveram a possibilidade de diminuir o seu poder de intensidade. Ao contrário, ela hoje é mais vigorosa, mais forte, mais fundida. Talvez seja mesmo, uma daquelas grandes amizades de que falava Maritain.

Quem observa Pe. Ruas, não percebe, de início, a força de seu caráter, a pureza de sua formação, a grandeza de sua alma, e a sua extraordinária capacidade intelectual. Novo na idade, velho na experiência, demonstra uma compreensão bastante significativa pelos nossos problemas, procurando fazer com que nós próprios sejamos os seus solucionadores. Desde cedo admitiu inclinação para o estudo profundo, que demandasse paciência, perseverança. Habitou-se, de pronto, a colocar a sua vida a serviço de Deus. E tem se revelado, nesse particular, um verdadeiro ministro. O tempo, por conseguinte, somente o tempo, faz com que sintamos ter em nosso meio, aquele padre tão desejoso por todos: compreensivo, sincero, amigo, profundamente caridoso.

O que nos faz admirar esse novo Sacerdote, é a sua maneira simples com que procurava auxiliar-nos nas dificuldades, tendo sempre a palavra adequada para a necessária ocasião. É esse modo de encarar as coisas, como elas devem ser encaradas. É esse seu espírito humano, profundamente humano, de reconhecer da criatura um ente imperfeito e vocado de defeitos. É a fraqueza com que externa suas opiniões, mesmo que elas possam ter outra interpretação em mentalidades mal intencionadas. É essa simplicidade de admoestar sem ofender, sem magoar. Enfim, recriminar o erro, sem condenar o errante.

Não podemos esconder a obra de espiritualização que pe. Ruas vem conseguindo realizar, em silêncio próprio dos humildes sem qualquer propaganda. Já se tornou figura estimada por todos que privam de sua convivência, ainda mais nos meios católicos onde sua palavra expressando os ensinamentos de Cristo tem o poder de sensibilizar os corações.

Que o nosso bom amigo pe. Ruas continue a ser o que tem sido até hoje. Sua amizade, velha amizade por sinal, para nós e para muitos é imprescindível, pois com a sua pessoa vem, seguidamente, aquela palavra sincera confortadora nas atribulações; precisa nos momentos oportunos. A sua bondade já está sendo compreendida. A sua bondade já está sendo compreendida. A sua mensagem, a mesma mensagem de Cristo, já está sendo entendida por todos. E isso já é um consolo.

Que ele realize o que não podemos realizar, pela nossa imperfeição, pela nossa insignificância, e pelos nossos defeitos, pois no serviço de DEUS só os puros vencem e atingem os seus objetivos. Os outros ficam certamente como uma folha na tempestade até que uma mão bondosa as coloque no lugar devido.

Em 19 de março de 1943, aos doze anos, o adolescente Luiz Augusto inicia seu pesado e longo caminho em busca do sacerdócio. Longo porque deveria vencer três penosos degraus. O primeiro, intitulado de *seminário menor* que correspondia mais ou menos ao atual ensino fundamental e médio. Esta estrutura pedagógica aplicada aos estabelecimentos religiosos pelo Estado Novo era cumprida, no mínimo, em cinco anos. Em seguida, o curso de Filosofia, em dois ou três anos, dependendo do instituto religioso. E, por último, em três ou quatro anos, o de Teologia. Luiz Ruas foi um padrão, cumpriu este périplo em onze anos. Em Fortaleza, como veremos, o curso de Filosofia era realizado em dois anos.

Os seminários, todos eles, conduziam-se repletos de obstáculos. Um desses era suprido pelos padres e pelos seminaristas mais graduados que constituíam o corpo docente da

instituição. Assim aconteceu nos primórdios do seminário inaugurado por Dom João da Matta. Um dos *magister* foi um saudoso padre. O mesmo que havia contribuído com os aspirantes ao seminário. Apesar de não distinguir a(s) disciplina(s) que ensinou aos seminaristas, o padre Nonato Pinheiro deixou gravada sua opinião sobre um discípulo. E a tornou pública (O Jornal, 10.05.1970), quando analisou o livro *Linha d'Água*, segundo trabalho literário de L. Ruas.

Meu amigo padre Luiz Augusto de Lima Ruas teve a amabilidade de enviar-me um exemplar de seu novo livro *Linha d'Água*, publicado pela Fundação Cultural do Amazonas, com excelente veste editorial. É uma saborosa coletânea de crônicas, publicadas na imprensa amazonense, e agora enfeixadas em livro. Espírito sagaz e inteligência ensolarada, dono de uma pena ágil e dócil, o autor já se firmou como cronista de alta estirpe, que sabe desenvolver com segurança, leveza e brilho qualquer assunto, conhecendo como poucos a difícil arte de prender o leitor, obrigando-o à leitura total do que produz e publica. Fui professor do padre Ruas em 1942, e não tenho notícia ou lembrança de outro aluno meu que o tivesse sobrepujado em vivacidade mental e aplicação aos estudos, pelo que nunca me surpreendi com suas vitórias intelectuais, alcançadas na arena da crônica, do conto, da poesia, do jornalismo e da cátedra. Mando-lhe daqui meus agradecimentos pela oferta do livro, cuja leitura recomendo.

Não há desencontro de datas. Volto a lembrar que, em 1942, o então clérigo Nonato Pinheiro preparou aqueles jovens para o exame de admissão. Vale aqui o reconhecimento da intelectualidade que sempre adornou o currículo do padre L. Ruas.

Ruas seguia frequentando o curso de humanidades. Todavia, dois ou três anos depois o seminário mudara de endereço. Transferira-se da residência episcopal (uma edificação já desaparecida pela necessidade de expansão do Colégio Dom Bosco), cedida pelo entusiasmo de dom João da Matta, para o definitivo endereço. Elson Farias esclarece a motivação do antístite:

Conseguiu mobilizar a sociedade amazonense para construir uma casa ampla, arejada, condigna, onde o Seminário São José formou operosos sacerdotes que até hoje dedicam a vida ao serviço do Povo de Deus, contribuindo, também, para a formação de profissionais da mais alta qualidade moral e espiritual que, não chegando a concluir os estudos eclesásticos, dedicaram-se ao desenvolvimento sócio-econômico e cultural da região.

A turma pioneira ocupava o novo endereço do Seminário. Situado no entroncamento da rua Emilio Moreira com a rua Ramos Ferreira, no bairro da Praça 14 de Janeiro, parte de uma enorme área onde estivera a chácara do ex-governador Silvério Nery, falecido em 1934. Ainda inconclusa, a edificação era conduzida pelo construtor Joaquim Cunha (de nacionalidade portuguesa, residente na av. Joaquim Nabuco e amigo do bispo do Amazonas. Chega?). A fim

de apressar a construção, recorda-se Bessa Filho, os seminaristas se tornaram inigualáveis “ajudantes de pedreiro e marceneiro”. Uma *obra-prima* construída pelos alunos foi o muro de pedras que ainda isola a frente do edifício. Este esforço coube ao *nego* Onias (como Bessa Filho recorda o saudoso vigário de São Francisco e secretário de Fazenda do governo José Lindoso) Bento da Silva. Com o prédio novo em folha, a turma de 1943 encerra, cinco anos depois, o *seminário menor*. Mas, diante da inexistência do *maior*, os concludentes foram encaminhados para outro estabelecimento.

4

Seminário provincial de Fortaleza. Aos 18 anos de idade, em 1949, o seminarista Luiz Ruas retoma os degraus em direção ao sacerdócio, desta feita em Fortaleza. Na *Crônica romântica de adeus ao roadway* (Série Memória 14-SEC), o navegante manifesta o sentimento da partida:

Aqui fica este adeus de quem te viu, menino
E, por ti uma vez partiu sonhando
Os mais belos sonhos que sonhar eu pude.

Na capital alencarina, para concluir os cursos de filosofia e de teologia Ruas, acompanhado de colegas amazonenses, inicia o *seminário maior*. O seminário era dito provincial (porque dirigido por padres *lazaristas* da província mineira). Todavia, era mais bem conhecido por seminário da Prainha devido ao local de sua edificação. O próprio Luiz Ruas, na crônica — *Quinze anos* — nos confia este e outros detalhes que ficaram para trás, além da própria maratona vitoriosa no seminário.

Até 1954 estiverem os salesianos dirigindo o Seminário. Esta foi a primeira fase depois de sua reabertura. Dois acontecimentos de grande importância marcaram-na: a reabertura do Seminário a quase cem anos mantinha suas portas cerradas e a inauguração do novo edifício da rua Emilio Moreira. Aliás, outra quase loucura de dom Matta, esta construção.

Possuindo mais fé do que dinheiro lançou-se o bispo ao trabalho de erguer um prédio próprio que proporcionasse aos seminaristas acomodações melhores e favorecessem também a formação dos futuros homens de Deus. Em 1948 deixava dom João da Matta a diocese do Amazonas com a saúde cada vez mais combalida rumo à diocese de Niterói. Em janeiro de 1949 tomava posse da diocese vacante, dom Alberto Ramos. Os salesianos continuavam dirigindo o Seminário. Durante o período de direção salesiana, três reitores ocuparam a reitoria do Seminário: o já citado e falecido pe. Luis Pasquale, o pe. Estevão Domitrovitsch e o pe. Hermano Schilp. Muito deve o Seminário a estes sacerdotes que tudo fizeram para conduzi-lo do melhor modo possível. A eles e a todos os outros salesianos, sacerdotes, estudantes de filosofia e irmãos leigos que constituíram as diversas equipes de direção do Seminário. Há um terceiro fato que, ainda neste período, merece especial relevo: a conclusão do curso de humanidades da primeira turma de seminaristas que em 1949 deixavam o seminário de Manaus para iniciarem o curso de Filosofia no seminário de Fortaleza. Éramos cinco, os concludentes. Destes cinco quatro são hoje sacerdotes. O pe. José de Amaral, pertencente hoje à diocese de Aracajú; frei Francisco de Araújo, que mais tarde ingressou para a Ordem dos Dominicanos: pe. Manuel Bessa Filho e eu que escrevo estas linhas. Não chegou ao sacerdócio o prof. Orígenes Martins. Os mesmos laços de amizade que nos uniam naquela noite inesquecível de 30 de outubro de 1949, data em que nos despedimos do Seminário, de nossos professores e de nossos colegas, ainda hoje nos unem.

No biênio 1949-1950, Ruas realizou o curso de Filosofia, e continuou em Fortaleza. A descrição das matérias curriculares e os conceitos obtidos pelo filósofo estão especificados no boletim que ilustra este resumo. O documento traz uma ligeira curiosidade: padre Vicente Joaquim Zico, lazarista, reitor do Seminário, que chancela o *Atestado de Estudos*, foi arcebispo metropolitano de Belém (19??-2004).

Os conhecimentos filosóficos talvez, mas a temporada no *seminário maior* de Fortaleza processou na turma amazonense, em diferentes estágios, o inconformismo crescente de segmentos da Igreja. Na crônica *Volta às aulas*, Bessa Filho (2001) relembra forte e significativa passagem do período. Relembra a iniciação do padre (depois frade dominicano) Josaphat como professor de filosofia. A proficiência deste mestre influenciou fortemente ao aluno-filósofo Ruas que, depois de fracassar no primeiro ano, foi ao final do curso reconhecido como o aluno mais competente.

[...] O Seminário tinha sofrido uma intervenção. Foi entregue, naquele ano de 1949, aos padres “lazaristas” da província mineira, para desgosto e humilhação dos cearenses e demais nortistas, entre os quais os amazonenses. No primeiro dia de aula, às duas da tarde (vejam que hora excelente para filosofar) esperávamos o novo professor, que mal saltara

do navio, e cuja cara não tínhamos visto ainda. Não precisa dizer que nosso animo era de franca hostilidade. Enfim ele chega. Não sou especialista em estética masculina, mas o *bicho* era terrivelmente feio, pescoço torto, voz esganiçada. Começou a sua exposição se apresentando, expondo suas idéias sobre a missão do professor e resumindo o que havíamos visto no ano anterior (a aula tinha a duração de duas horas). No final, nos entreolhávamos entre perplexos e enlevados.

O ano letivo prosseguiu e o padre Josafá — esse o seu nome — continuava ensinando a filosofia escolástica dos compêndios e a filosofia da vida, que ele mesmo vivia. Foi um ano só. Acusado de “progressista” foi removido para outro Estado, depois tornou-se frade dominicano e foi exilado com o golpe de 64, sempre por causa de suas idéias.

Aquele mestre e o discípulo Ruas encontrar-se-iam uma década depois nas páginas dos noticiosos. Sucedeu por ocasião do golpe militar de 1964, quando ambos (Ruas já padre) sofreram repressão política. Bastante resumido, a publicação *Nosso Século* (1980) explica essa conjuntura em *A Igreja em um tempo conturbado*.

Entre os anos de 1961 e 1964, o clero católico se dividiu em três tendências diferenciadas: a ala conservadora, a reformista e a revolucionária. [...] O setor revolucionário era liderado por dom Jorge Marcos, bispo de Santo André; pelo padre Francisco Lage, de Belo Horizonte; pelo padre Ruas, de Manaus; [...] pelo frei Josaphat, diretor do jornal *Brasil Urgente*, e por dom Padim, assistente da Ação Católica.

Acerca do saudoso amigo Luiz Ruas, voltei a conversar com Bessa Filho, que contou um pouco mais do que se lê na crônica. Tudo publicável. Nenhum segredo de confessorário. Apenas que o clérigo Luis Ruas foi presidente do Centro Acadêmico Santo Tomás de Aquino (este doutor da Igreja possuía o maior *ibope* entre os seminaristas *maiores*. Em diversos seminários fora patrono de agremiação semelhante, como se comprova quando Ruas chegar ao Seminário do Rio Comprido.) Bessa relembra a existência no seminário da Prainha de duas agremiações assemelhadas. Quando se reunia, a protegida por Santo Tomás cumpria a ritualística de ouvir discursos escritos de seus associados. Pensados e pesados, portanto. Esse arremedo de academicismo era alcunhado pela concorrente de *véismo* (de *véio*, no nordeste, a corruptela de velho).

Já a adversária reunia seus associados no pátio. O dirigente da assembléia encaminhava a escolha de um sócio para a apresentação de um assunto. Se houvesse voluntário, deveria cumprir duas regras básicas: o tema em livre e o discurso deveria ser improvisado. Se não, por sorteio, o dirigente escolhia o palestrante e o tema. O sorteado deveria improvisar sobre o

tema sorteado. Luiz Ruas integrava com brilhantismo a agremiação de Santo Tomás, da qual foi presidente, rememora Bessa Filho que preferia a concorrente.

Ainda em Fortaleza, no ano seguinte, Ruas inicia a derradeira etapa. Inicia o curso de Teologia. As notas obtidas no primeiro ano estão no já mencionado *Atestado de Estudos*. Contudo, em 1952, Luiz Ruas estudaria no seminário da Prainha apenas o primeiro semestre porque, em agosto, desembarcava no Rio de Janeiro, matriculado no seminário arquidiocesano de São José. (Novamente São José na vida do futuro padre.) Este estabelecimento (fundado por dom frei Antonio de Guadalupe, em 5 de novembro de 1739) continua localizado na avenida Paulo de Frontin, 568, no Rio Comprido, como é mais conhecido. Novamente nos socorre o homenageado. Seu *desembarque* em terras cariocas ele mesmo conta em *Recordações de Bandeira* (O JORNAL, 24.04.1966). Com o texto, Ruas nos faz velejar por outros mares, e até compreender seu próprio mar.

O primeiro tempo foi em Manaus. O poeta chegou humildemente, com ar de Irene chegando no céu, pedindo licença. Foi com ar de indiferença e petulante ironia que o recebemos em uma Antologia. Os *Sinos de Belém* não chegaram a provocar qualquer ressonância em nossa alma. Os nossos poetas preferidos continuavam sendo os grandes românticos: Casimiro, Fagundes Varela, Álvares de Azevedo, Gonçalves Dias e, naturalmente, para um moço de dezesseis anos, mais do que outros, o empolgante, o extraordinário, o altaneiro Castro Alves.

O segundo tempo foi em Fortaleza. Disseram-me que eu não gostava porque não entendia. Um padre bom que estudava hebraico para aperfeiçoar seus estudos de exegese da Sagrada Escritura e que dois anos mais tarde nos ofereceu uma cuidada tradução do Cântico dos Cânticos, deu-se ao trabalho de, pacientemente, nos revelar o tesouro escondido. Foi pela Rosa do Povo que começamos. Depois foi muito mais fácil. E muito belo. Com sofreguidão conseguimos abrir todas as portas. E a poesia nos invadia aos borbotões por todos os lados. Talvez tenha sido o mar que nos tenha ensinado a não ter limites. Então começamos a ler, com amor, e com amor amar os novos poetas da poesia brasileira: Cassiano Ricardo, Murilo Mendes, Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima e, para sempre, Manuel Bandeira. Isto aconteceu lá pelos idos de 1948, 1949.

O terceiro tempo foi no Rio de Janeiro. Em 1952, pisávamos pela primeira vez as terras da Capital do Brasil. E o fizemos com um ar de aventureiro ou de explorador. Era agosto. O Rio me escancarava um milhão de possibilidades. E eu desejava conhecê-las todas. Um dia, um amigo meu, por sinal uma dessas almas que se parecem com o fogo, sempre inquietude, me pediu:

— Escreve alguma coisa sobre o Bandeira.

Escrevi uma pequena crônica. Disse o que eu sentia. "A vida inteira que podia ter sido e não fo?". O Villaça pegou a crônica e levou para o Bandeira. Alguns dias depois eu estava doente. De cama. O Villaça entrou no meu quarto com um livro na mão e um sorriso feliz

no rosto. No rosto gordo. E me disse rindo:

— Ele veio. E trouxe isto para você. Queria falar com você.

Ele era o poeta. Veio para agradecer umas linhas que um rapaz escrevera sobre a sua obra. Inacreditável. Desde então nunca mais deixei de acreditar na existência de gênios bons. Isto que ele me trouxe era um exemplar do seu ensaio sobre Gonçalves Dias. Com uma dedicatória na qual me chamava de irmão. Fiquei com raiva do Villaça.

— Por que você não me chamou?

Eu estava doente. Mas eu ia assim mesmo. Eu ia falar com o poeta de qualquer maneira. O Villaça me consolou:

— Qualquer dia eu levo você na casa dele.

Não levou. Pouco tempo depois os nossos caminhos se bipartiriam.

Um dia, melhor, uma tarde eu ia pela Avenida Atlântica. De repente fiquei eletrizado. Era ele. Na minha direção caminhava lentamente um homem lendo um jornal. Em poucos segundos vivi uma dúvida eterna. Finalmente me decidi. Estávamos passando um pelo outro:

— O sr. é o poeta Manuel Bandeira?

— Sou, sim.

Estivemos parados durante alguns minutos. Hoje não me recordo mais o que conversamos. Mas ainda guardo, intacta, imóvel, parada no ar, a imagem do seu rosto, iluminado sempre por um leve sorriso.

Agora quando penso neste encontro, depois de tanto tempo, mais de dez anos, sempre me vem a dúvida:

Será que eu falei mesmo com o Bandeira ou apenas sonhei aquele encontro?

E esta situação intermediária entre o sonho e a realidade me oferece sempre a face transfigurada do poeta.

5

Seminário São José do Rio Comprido. No seminário do Rio de Janeiro, sob a direção dos padres seculares, Luiz Ruas sentiu sua atividade intelectual desabrochar. Sua liderança incontestada, inata, o conduziu a presidência do Centro Acadêmico São Tomás de Aquino. No período, a organização de grêmios literários era comum nos colégios, quer nos colégios públicos, reverenciando os escritores, quer nos religiosos, sacralizando os doutores da Igreja.

O *seminarista maior* Luiz Ruas por sua competência alcança sucesso, conquista Rio Comprido. Contam seus contemporâneos que, em certa oportunidade, o cardeal Jaime de Barros Câmara que dirigia *de fato* o seminário encantou-se com um trabalho teológico de sua lavra. A admiração da autoridade ficou patenteada em público, diante dos pares e de superiores do seminarista. Apesar de meu esforço não foi possível ainda identificar a ocasião e o feito. Mas que houve, houve, idoneidade o teólogo possuía, tanto que...

Conta um seu colega conhecido por Villaça. Antonio Carlos Villaça (1928-) é aquele carioca que pediu ao Ruas que escrevesse uma crônica sobre Bandeira, o poeta. Experimentado na vida monástica, pois já passara por dois conventos, tentava mais uma vez o sacerdócio, mas, ao final do ano de 1953, desistiu. Perdeu assim a Igreja um rotundo sacerdote, mas ganhou a literatura nacional um premiado escritor. Memorialista, cronista e ensaísta de reconhecidos méritos, assim pode conviver com os mais destacados escritores nacionais do século XX. É membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB). Tanto produziu que, em 2003, foi agraciado com o *Prêmio Machado de Assis*, concedido pela Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra.

Em *O Nariz do morto* (1970), Villaça assim apreciou o amazonense Luiz Ruas.

Liguei-me a esse grupo, heterogêneo e flutuante, rapazes de todo o Brasil. Fui, à revelia, e com o Ruas, de Manaus, líder de uma espécie de movimento insurrecional, revolta ideológica, agitação. Ruas era um moreno inteligente, líder nato, falava muito bem mesmo, como a poucos ouvi até hoje. Tinha o dom da comunicação, imediata, intelectual e afetiva, tinha um calor tranqüilo mas insinuante, uma sedução ou uma aura até mesmo física, misteriosa, como em Getúlio [Vargas], em Carlos [Lacerda], em Jânio [Quadros]... Era quente e era frio. Foi meu melhor companheiro desses meses monótonos, sáfaros.

O grupo referido por Villaça era formado por seminaristas de diversas dioceses brasileiras. Entre tantas, a de Manaus que não possuía condições de manter um *seminário maior*. Ainda hoje, diversas escolas no Rio especialmente as militares reúnem estudantes de todo o país. Segue a opinião de Villaça sobre a mostra.

A convivência com os rapazes foi boa, cheia de imprevisto, mal-entendidos, brincadeiras, preocupações. Fiz conferências. Escrevi muito para a revista e o jornal de casa. Fizeram-me diretor por unânime aclamação do jornal dos seminaristas. Esse jornal... Justamente por ele a crise interna se foi agravando, tais as audácias escritas e assinadas. O cardeal assustou-se, ficou zangado.

No ano letivo de 1953, Ruas concluiu o terceiro ano de Teologia. O *Atestado* expedido detalha as disciplinas e os conceitos obtidos. São expressivos. Todavia, retorna a Manaus. Nada em função da zanga cardinalícia de dom Jaime de Barros Câmara. Nem tão pouco devido às audácias literárias que serão o apanágio do futuro autor de *Aparição do Clown*. O móvel era bem mais alvissareiro. O bispo do Amazonas, dom Alberto Gaudêncio Ramos (1949-58), ousa inaugurar aqui o *seminário maior*. O edifício que abrigaria os futuros sacerdotes reproduzia a arquitetura do anterior ocupado pelos *seminaristas menores*. Mesmo bastante modificados, os *irmãos gêmeos* seguem instalados na rua Emilio Moreira esquina da rua Ramos Ferreira. E tal como acontecera com o *menor*, ao tempo da inauguração o *maior* recebia os últimos aprestos.

Em 1º de janeiro de 1954, comemorando o quinto aniversário de sua sagração episcopal, dom Alberto Ramos conferiu a ordenação de Acólito ao clérigo Luiz Ruas. Eram as últimas ordens sacras antes do sacerdócio. Ainda receberia o subdiaconato e o diaconato, antes do *grande dia*. Esta notícia foi veiculada no jornal *Universal*, dominical sob a direção do padre (depois cônego) Walter Gonçalves Nogueira. Este periódico, de propriedade da Igreja Católica, possuía escritório e gráfica situados na rua Visconde de Mauá, centro histórico de Manaus. O primeiro exemplar circulou em 1953. E o jornal teve circulação por cinco anos, até 1958, quando seu modesto parque gráfico (se podia ser assim denominado) foi cedido a um jornal local (A CRÍTICA) então em face de expansão. O desastrado ajuste envolveu a autoridade episcopal (dom Alberto Ramos) e um familiar (desembargador André Araújo) do proprietário (Umberto Calderaro).

Aconteceu no *Universal*, edição de 14 de fevereiro de 1954, a estréia jornalística do então clérigo Luiz Ruas. Um pouco antes da inauguração do *seminário maior*. A publicação transcrevia o artigo *O Sacramento do Reino* que, curiosamente, circulou assinado com nome e sobrenome completos. Não se conhece outra publicação com o desperdício de tanta identificação. Sempre foi comedido e enigmático. Veja seu L. (de Luiz ou de Lima?) Ruas. O texto fora publicado originalmente no opúsculo *In Altum*, órgão de responsabilidade dos seminaristas do Rio Comprido. Naquele ano foi sua única contribuição, cuidava de encerrar o curso teológico.

No ano seguinte, já padre, Luiz Ruas voltaria a colaborar com o *Universal*. Inicialmente identificado pelas iniciais L.R. Ainda ensaiava sua marca consagrada. As demais publicações trouxeram as chancelas ora de *pe. Ruas*, ora de *padre Ruas* e ora de *padre Luiz Ruas*. Escreve entre março e outubro, sem respeitar uma periodicidade. Da coleção existente sob a guarda da

paróquia Rainha dos Apóstolos, no conjunto Dom Pedro II, recolhi onze colaborações. Os temas são bem diversificados. O conjunto identifica um padre *progressista*, deixa transparecer os avanços da Ação Católica, buscados em especial pela juventude católica, de jovens ávidos por uma revisão na Igreja. A palavra de ordem dessa mudança, dessa renovação era *Servir*, em vez de ser servido. Esse apelo bem explícito se encontra em *Bilbete ao neodiácono*. Estamos em 1955, um pouco depois mudanças seriam adotadas pelo Concílio Vaticano II. Devido a este discurso vanguardista, padre Ruas padeceu.

Nenhuma produção literária ainda conhecera a marca definitiva, o singelo L. Ruas. Atrevo-me a insinuar que essa escolha reproduz a firma de um de seus ídolos, o ícone da poesia francesa — A. Rimbaud. A respeito do autor de *Une Saison un Enfer* (Uma estadia no inferno), L. Ruas produziu duas magistrais páginas em *O Jornal* (junho e julho de 1967) e uma conferência em julho de 1970. As *Ouvres Complets* de Rimbaud, mimo do poeta Luiz Bacellar, Ruas as leu quando amargou a reclusão imposta pela revolução militar de 1964.

No final de sua crônica — *Quinze anos*, Ruas designa conhecidos administradores da formação sacerdotal em Manaus.

Em 1955, assumia a direção do Seminário o monsenhor João Alves da Costa. O Seminário passava às mãos dos padres diocesanos. Este fato constitui o segundo período da vida do seminário de Manaus. Atualmente é reitor o cônego Pedro Mottais.

Apesar de todos os contratemplos, apesar de todas as dificuldades, de todas as incompreensões o Seminário tem subsistido. Não fechou suas portas. Inúmeros rapazes têm vivido à sua sombra. Outros vivem presentemente e muitos viverão no futuro. O Seminário tem sido uma árvore generosa. Tem recebido humildemente muitas pedradas de ingratidão. Tem sido inúmeras vezes incompreendido, mesmo por aqueles que deveriam compreendê-lo. O que ele pede é muito pouco em proporção ao que ele dá. E agora me volta a lembrança do corrimão do antigo Seminário da praça General Osório. O Seminário dos tempos heróicos. O humilde Seminário para o qual muitos olhavam desconfiados e para o qual muito profetizaram uma curta sobrevivência. O Seminário de Manaus nestes quinze anos tem sido para muitos um corrimão. Mudamente, silenciosamente, ele tem ajudado a ascensão de muitos e também a descida de muitos. Pois é preciso saber descer. E se muitos não caíram na descida devem isso ao corrimão humilde que em silêncio, os tem amparado. O Seminário é como o corrimão da casa velha. Muita coisa mudou, muita coisa se transformou, muitas portas foram abertas diante de muitos horizontes. Ele permanece, porém, no mesmo ofício. E assim permanecerá.

6

Abertura do Seminário São José. Em abril de 1954, na condição de aluno teólogo mais graduado, o clérigo Luiz Ruas participa da inauguração do *seminário maior*. O Seminário São José continuava sob a direção dos padres salesianos, sendo Reitor o padre Hermano Schilp. Na história dessa escola de formação de sacerdotes, essa etapa se prolonga até 1967, quando o Seminário sucumbe, entre outras crises, à crise de vocações. O edifício seguiu fechado, sem uso durante anos, até a sua cessão à Universidade Federal do Amazonas (Ufam), onde funcionaram o Instituto de Ciências Humanas e Letras (ICHL) e a Faculdade de Estudos Sociais (FES). E, agora remodelado, passou a atender os acadêmicos do Centro Universitário do Norte (UniNorte).

Um pouco mais de uma década depois, aquela iniciativa de dom João da Matta começa a produzir resultados. Em agosto de 1954, na catedral de Manaus, ocorre a ordenação do padre Manoel Bessa Filho (que deixou o clero e hoje desfruta aposentadoria de juiz do TJA). No domingo, 31 de outubro de 1954, e na mesma catedral, dom Alberto Ramos ordena *sacerdos in aeternum* a Luiz Ruas. O periódico católico *Universal* circulou com a manchete — *Novos Apóstolos do Senhor*. Não houve deslize jornalístico, o prelado amazonense havia consagrado dois apóstolos: Luiz Ruas e Vicente Gonçalves de Albuquerque. Padre Vicente, como era identificado, serviu de tema — *Os filhos do padre* — para Bessa Filho (2001):

Dizem que filho de padre tem sorte. [...] Mas a palavra filho é abrangente. Existem os filhos biológicos e os filhos espirituais, pois há muitos padres que realizam seu instinto paterno dedicando-se à educação formal ou informal da juventude. Lembro-me de um com que convivi longamente no seminário e na vida ministerial. O padre Vicente era um cearense que veio parar por aqui, foi professor do Seminário S. José e de colégios públicos. No Instituto de Educação as meninas suspiravam quando ele passava. Diziam que ele era “lindo de morrer”. Mas o Vicente era sério. [...] E ele com todo aquele charme, decidiu ficar celibatário. Como a beleza não se opõe à virtude (nem à inteligência) o nosso padre resolveu, entre outras atividades clericais e magisteriais, sempre desenvolvidas com exemplar dedicação, acolher em sua casa alguns jovens estudantes, que precisavam de ajuda e apoio. E fez de todos gente grande e importante.

Encerrados os festejos próprios, os organizados pela comunidade e os de caráter domésticos pelo novel sacerdote, padre Ruas sem data definida foi nomeado chanceler da Cúria

Metropolitana. Uma denominação pomposa, mas ao chanceler cabia auxiliar na administração do arcebispado e secretariar o próprio bispo. Por isso, a vantagem de trabalhar sob a direção direta de dom Alberto Ramos. A Cúria segue funcionando no mesmo endereço da avenida Joaquim Nabuco, situado no hoje desconhecido edifício Pio XII.

Volto ao Seminário. Na abertura do ano letivo, segundo registro do *Universal*, além de Prefeito de Estudos, padre Ruas estava indicado para o ofício do magistério, do magistério que o ocuparia por grande parte da vida. Exerceria com proficiência este ofício em vários colégios e faculdades. Seria professor lembrado com orgulho por algumas gerações. Seria mestre de diversas disciplinas, desenvolvendo-as com competência e com absoluto êxito. Seria guia de outros mestres quando, ainda que com final melancólico, dirigiu a Faculdade de Filosofia do Amazonas precursora do ICHL da Universidade do Amazonas.

Apenas três anos depois, padre Ruas aproveitava sua coluna jornalística para esclarecer. Por motivos amplamente refletidos, mas em parte inconfessados, detalha aos leitores e paroquianos, às autoridades e colegas do ministério sua conduta sacerdotal, sua conduta *progressista* na Igreja. Assumia manter procedimentos próprios, justificados pela idéia de que o pastor deve buscar seu rebanho onde ele estiver. “Porque o que ele busca nessas coisas / Não é mais felicidade. Nem prazer. / O que ele quer mesmo é me encontrar em tudo isso” (Oráculo, em *Poemei*). Revendo o *replay* do tempo, julgo que se constituiu temerário pioneirismo. Também reverberava a atualização da prática religiosa e a adequação dos ritos eclesiais aos tempos correntes, aspirações que seriam acolhidas e permitidas pelo Concílio Vaticano II (1960).

Além da diretriz de conduta acima, outras podem ser consultadas em pelo menos quatro documentos. Em *Padres Modernos* (A CRÍTICA, 20.09.1957), padre Ruas define a modernidade que pretendia para si e para os companheiros eclesiásticos.

Gostaria imensamente que não empregassem o tal adjetivo a meu respeito. Não sou moderno nem antigo. Se com esse termo querem dizer que eu sou um padre mais ou menos adaptado e creio que sou muito menos do que mais, então o adjetivo é desnecessário porque isso não é coisa do outro mundo. Um padre procurar se adaptar ao seu tempo, não é novidade alguma, não é vantagem alguma. É um dever da função. É um modo de ser fiel a sua própria missão. E se com moderno querem dizer que eu estou errando, que eu estou cometendo algum crime contra o meu sacerdócio então não estraguem o adjetivo e ganhem tempo e salvem mais um sacerdote do erro, da decadência moral, da apostasia indo denunciá-lo à autoridade eclesiástica local ou venham, por caridade, para com este pobre cego e inexperiente sacerdote, que a Igreja levianamente, imprudentemente, ou quem sabe, iludidamente, ordenou sacerdote pelo poder episcopal de dom

Alberto Gaudêncio Ramos, venham me dizer os meus erros.

Para saudar um amigo, clérigo Jorge Normando, que atingia o diaconato no dia de São José (olha o Santo aí de novo!), padre Ruas escreveu-lhe o *Bilbete ao neodiácono* (A CRÍTICA, 19.03.1956).

Penso que a imagem que todo diácono devia ter diante dos olhos é a do Cristo ajoelhado, cingido com a toalha, jarro e bacia à mão, lavando, enxugando como um criado prestimoso e obediente, os pés dos seus apóstolos. “Se eu não te lavar os pés, não terás parte comigo”. É isto caro diácono, é isto que você deve fazer de agora em diante na Igreja de Deus: ser criado. Não se deixe levar por nenhuma tentação de mandar, de dirigir, de governar. Não se deixe impregnar por essa impureza terrível, o orgulho, a vaidade, a ostentação, o farisaísmo, que tudo isso, aos olhos de Deus, é cem vezes pior do que a impureza da carne. Não procure os primeiros lugares nos banquetes terrenos, tantos e tão fartos. Ai não há lugar para os servos. Deixa para outros os lugares de honra. Deixa que outros se sentem ao lado dos donos. Dos ricos. Dos senhores do mundo. Dos que se vestem de ouro e de sedas farfalhantes. Não seja nunca também servidor dos “dominadores destas trevas do mundo”. É tão deprimente ver certos servidores do altar andar acolitando os que mais longe estão do espírito do altar. Você não veio para servir os ricos e os instalados.

Em outra soleníssima ocasião, padre Ruas, aclamando *Quatro neo-sacerdotes* (A CRÍTICA, 30.11.1957) — padres Francisco Pinto, Juarez Maia, Onias Bento e Tiago Braz, ofereceu-lhes orientação de quem já palmilhava o *caminho do Senhor*.

Amanhã eles serão padres. Amanhã eles vão começar a sofrer. A frase não é minha. É da mãe de São João Bosco. Uma das coisas mais certas que já se disse do padre, porque uma das mais consentâneas com a missão para a qual ele foi feito. O padre é o homem do sofrimento porque é o homem da Missa que é o sacrifício e imolação. O sofrimento os cercará por todos os lados e especialmente pelo lado moral que é o pior de todos.

Mas não temo por eles. Sei que estão preparados por um tirocínio para isso. Sei que estão conscientes das ondas que vão fazer contra eles, das incompreensões, das falsas interpretações de suas atitudes, das exigências idiotas que vão pedir deles, exigências essas que descerão às mais íntimas particularidades de suas vidas. Particularidades que a própria Igreja deixa à livre escolha de cada sacerdote. Pois até lá descerão. Com historinhas, fuxiquinhos, cochichos covardes e anônimos, invenções arquitetadas pela fabulosa imaginação de alguns levianos, tudo isso, e os cavalinhos que vão e vêm e o diabo a quatro. Sei que eles conhecem todos esses micróbios que podem se infiltrar na vida dos menos avisados e enfraquecê-la, corrompê-la, anemizá-la, matá-la mesmo. Por isso não temo. Por isso não tenho quase nada a lhes dizer ou não lhes dizer quase nada quando sinto uma porção de sentimentos atrapalhando o discorrer da inteligência. E se tivesse calma que me permitisse lhes dizer alguma coisa eu diria mais ou menos o seguinte: meus amigos, sede, pelo amor de Deus, coerentes com a vossa missão.

A derradeira lição se encontra no *Bilbete dos dez anos* (O JORNAL, 18.06.1967). No ensejo, o mestre reforçava a lição ministrada ao diácono Jorge Normando. Em 1967, quando os

seminaristas resolvem homenagear o Reitor da Casa, padre Jorge Normando, recorrem ao padre Ruas, que realiza uma releitura do primeiro bilhete.

Um as notas que eu tomei de uma conferência proferida pelo pe. Voillaume no Seminário do Rio, completarão o que eu lhe queria dizer, há dez anos atrás e que gostaria de repetir, hoje com muito mais razão: “Por que, apesar do amor dos missionários, dos civilizadores, dos patrões, há tanta revolta? É porque todos aparecem como superiores aos outros. Ora, não pode haver amor entre dois, quando um é superior e faz questão de se dizer superior. Para haver amor é preciso haver igualdade. Cristo: *Verbum caro factum*”.

Eu sei, Jorge, que a esta altura da nossa caminhada há muitas cicatrizes marcando nossas almas. Hoje, sabemos, vivencialmente, que o ofício é, de fato, muito difícil. Porque sabemos, hoje que a Igreja (a Igreja não, alguns da Igreja, embora, se digam representantes dela) e o mundo estão exigindo de todos nós uma dose imensa de amor. É amar é se tornar igual Cristo: *Verbum caro factum*. Cristo comendo e bebendo com os publicanos... Cristo conversando com a prostituta da Samaria... Cristo lavando os pés dos apóstolos...

Quando se quebrarem as últimas correntes que ainda prendem a Igreja a falsas e superadas estruturas do período de uma Igreja de príncipes, de condes, de barões, de ouro, de sedas, de luxo, de cortes, de faustos, de mundanismo e de castas, a Igreja será novamente a Igreja do Evangelho. É por esta nova face da Igreja que nos compete lutar, mesmo se já nos encontramos “nel mezzo del camino...”

* * *



Paróquias e capelanias. Apesar do seu primeiro emprego ter ocorrido na administração do bispado, padre Ruas fora ungido para a árdua missão de *salvar almas*. Com este propósito foi exercer a função na paróquia do bairro do São Jorge, que se implantava na cidade. “Aquele paróquia foi fundada canonicamente no dia 15 de abril de 1957”, mas a partir do ano de 1955, padre Ruas “iniciou um movimento para a sua criação, começando por celebrar missa numa casa localizada na rua 18 de Setembro e, depois, realizando visitas aos moradores de todo o bairro”, esclarece Elson Farias (1993).

Como pároco preocupou-se com o bem-estar de seus paroquianos, e essa inquietação era expressa pelo também homem de jornal. Uma transitou em *Ronda dos Fatos* (A CRÍTICA, 15.08.1957).

ESTRADAS PARA SÃO JORGE

O aparecimento oficial e os melhoramentos que autarquias e outras entidades estão realizando no bairro de São Jorge, dia fazer crescer o trânsito para lá.

Pelo que já se fez e pelo que se promete fazer ainda dentro de pouco tempo São Jorge será um dos lugares mais aprazíveis de Manaus. Sua situação topográfica bem elevada, de onde se descortina como um cenário de vista *vision* quase toda a cidade, seus recantos bem pitorescos, pois quase uma ilha circundada de belíssimos igarapés, os conjuntos residenciais de linhas modernas, arejado por um vento contínuo, tudo isso concorre para que aquele recanto da capital Amazonense venha ser um dos locais preferidos por todos.

Acontece, porém, que a estrada dos Bilhares, a porta mais fácil para o bairro se encontra em estado lastimável.

Talvez a prefeitura que se vem mostrando tão cuidadosa na questão de rodovias e ruas pudesse melhorar o trecho mencionado.

Por esses e outros cuidados, padre Luiz Ruas está entronizado na condição de primeiro pároco de São Jorge. Ainda lembrado por aqueles que o ajudaram a fixar aquele subúrbio. Devo lembrar também que a capela primitiva situava-se no outro lado da artéria, artéria que hoje tem a denominação de Emilia Ruas (genitora deste vigário). Para tornar mais compreensível para as novas gerações, a capela existiu onde está hoje construído o ginásio de esportes.

Na festa do cinqüentenário de ordenação sacerdotal, a comunidade de São Jorge, à frente frei Paulo de Tal, lembrou o fundador da paróquia. Realizou uma missa festiva, onde foram destacados os méritos daquele sacerdote. Fez comparecer um bom número de fiéis, entre estes, os fundadores da paróquia e do próprio bairro, os primeiros paroquianos assistidos por padre Ruas. Com seus cabelos brancos, o andar pesado e desalinhado, ainda assim, desfilaram lembranças, curtiram reminiscências. Na entrada do templo, afixaram a fotografia do pároco pioneiro. Alguns dos *setentões* ou mais: Raimunda Bastos Souza, Joana Santos da Silva, Raimunda Santos da Silva, Etelvina Souza Tomé, Mario Rodrigues de Holanda (74a), Maria Leonor Andrade, Maria de Fátima Moreira, Raimunda Seixas Pacheco, Zulmira Aires de Souza, Terezinha Melgueiros, Eunice Ferreira Mota, Raimunda Mota de Oliveira, Iracema Mota de Almeida e, me perdoem, se omiti algum nome naquele momento de tanta emoção.

O primeiro vigário deixou a paróquia de São Jorge em 1957. Mas logo voltaria ao primordial exercício sacerdotal, ao ser nomeado vigário cooperador dos Remédios, função que exerceria até maio de 1965. A exigência do cooperador fundamentava-se no direito canônico, que concedia ao pároco dos Remédios a inamovibilidade; por isso, o privilégio quase sempre alcançava sacerdotes mais antigos. Assim, os freqüentadores mais idosos da paróquia ainda recordam de monsenhores João Costa e Alcides Peixoto. Neste tempo, este era o vigário.

Devido sua avançada idade e as funções curiais, o pároco *de fato* era o coadjutor. Todavia, uma pedra surgiu no caminho do padre Ruas, quando este foi encarcerado pelo *governo militar* de 1964. Libertado, passou a suportar repressão de alguma ordem. Sua atuação nos Remédios possivelmente sofreu danos, alguns reparos, certa descrença. Após muita reflexão, o cooperador deixou de cooperar.

Em 7 maio de 1965, padre Ruas encaminha uma carta ao metropolitano de Manaus, solicitando dispensa dessa função.

Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano
D. João de Souza Lima

Não me encontrando atualmente em condições psicológicas favoráveis para exercer o ministério pastoral devido a certas circunstâncias e ocorrências que acho conveniente não referir, sinto-me obrigado, em consciência, a renunciar à função de Vigário Cooperador da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios. Acho que será melhor para mim e para o bem das almas tomar tal decisão. É possível que futuramente eu me sinta de novo em condições de assumir outra função semelhante. Parece-me que, no momento, o melhor caminho a seguir é me manter afastado dos trabalhos paroquiais.

Esta minha renúncia à função de Vigário Cooperador tem caráter irrevogável. Por isso, solicito a V. Exa. que, a partir de segunda-feira próxima, dia 9, designe um outro sacerdote para desempenhar aquele múnus pastoral, pois, daquela data em diante eu me considero dele desligado.

Espero que V. Exa. compreenda este meu modo de agir e confiando em suas orações peço que me abençoe.

Pe. Luiz Augusto de Lima Ruas.

A carta-renúncia não permite decifrar os embaraços que o abatiam. Embora houvesse se completado um ano desde que estivera encarcerado, ainda assim repercutia. A carreira na Faculdade de Filosofia, onde exercerá o magistério e a direção, fora interrompida. O ofício de professor que desempenhava em colégios e faculdades não fora suprimido, mas sofria entraves. Até no próprio Seminário sentiu rejeição, discriminação, conforme reclama em carta (datada de 11. 10.1967) ao padre Juarez Maia.

A presença de dom Helder, em Manaus, foi, para mim, grande alegria. Uma das razões desta alegria foi a de poder ouvir, de novo, e com uma impressionante tranqüilidade, coisas que já haviam sido ditas antes de 64; coisas que gostaríamos de estar dizendo e coisas novas que gostamos que ele esteja dizendo. Você sabe que sempre acreditei na sinceridade do Arcebispo de Olinda e Recife. A presença de dom Helder foi-me, portanto, um renovar de recordações, de energias e de esperanças. Recordações de uma experiência passada; energias para viver o presente e esperanças para um futuro que há de vir. Fui ouvi-lo no SESC. Não fui ao Teatro Amazonas por causa do paletó. E fiquei todo assanhado para ouvir o que ele diria para o clero, numa dessas noites passadas, na Maromba, apesar da minha atual situação pouco *clericalizada* (desculpe o

neologismo).

À alegria esbanjada pela visão e pela voz desse falecido bispo de Olinda, seguem os reclamos do missivista.

Juarez, você tem reclamado, às vezes, e, às vezes até com um pouco da sua natural encenação, que eu não vou mais ao Seminário como antigamente. Duas ou três vezes por dia. Quando você me fala isso eu sempre tenho dado respostas evasivas que eu sinto que não chegam a convencê-lo. Mas o tenho feito conscientemente. Acho que este é o momento de lhe dizer com clareza e sem subterfúgios. Depois do episódio Educandos e da minha conseqüente renúncia a qualquer atividade pastoral decorrente de nomeações da Cúria Metropolitana (pelo menos temporariamente) refleti sobre minhas idas freqüentes ao Seminário e achei que devia diminuí-las porque não quero que pensem (embora eu saiba que isso jamais aconteceu e jamais aconteceria) que eu pudesse estar influenciando de qualquer maneira a atividade de vocês. Sei que você tem visto muita coisa boa e que com a cooperação dos nossos irmãos mais novos você poderá fazer muito do que ainda está por fazer, dentro e fora do Seminário, nesta belíssima arrancada de renovação da Igreja pós-Vaticano II. As más interpretações sempre são possíveis. E para não dar margens a isso eu me tenho afastado, embora sentindo muito, como amigo e como padre (embora errado) o mais que agüento do Seminário. Mas, acredite-me, que estou acompanhando, como muitas esperanças e bem de perto e com todo o coração o que vocês estão fazendo. Não quero é prejudicar, em hipótese alguma, o trabalho de vocês. Nem sequer pela minha simples presença.

São desconhecidos ou pouco conhecidos os provimentos do bispo de Manaus em favor do padre Ruas, quando foi indiciado pelo movimento militar de 1964 e, conseqüentemente, recluso no quartel do 27º BC. Sei apenas, por testemunho de Arlindo Porto, também recluso, que dom João de Souza Lima esteve uma única vez em visita aos presos. Ainda agora, comovido, Porto relata que aproveitou a ocasião para enviar uma carta à esposa, tendo o prelado servido de portador. Outros cuidados certamente a Igreja de Manaus tomou. Muito embora a permanência de padre Ruas no cárcere tenha sido de 40 dias, foi um dos primeiros a deixar a prisão, que pode ter sido resultado de esforços eclesiais. Todavia, cabe interrogar qual foi o acolhimento dispensado por paroquianos ao ministério do padre *revolucionário*, especialmente de uma paróquia conhecida pela elite que a freqüentava. Por óbvio, não se conhece a providência de nosso saudoso prelado sobre a missiva supra. Penso que o renunciante foi convencido a permanecer na função, visto que, um ano depois, encaminha nova carta à direção da Igreja, replicando a semelhante do mesmo bispo. Nela, padre Ruas enfatiza a renúncia anterior.

Excelentíssimo e Reverendíssimo
Monsenhor Alcides Peixoto
Digníssimo Governador da Arquidiocese de Manaus

Tive o desprazer de receber, hoje, pela manhã, uma carta do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Arcebispo Metropolitano de Manaus, Dom João de Souza Lima.

Diante de tal carta não me resta outra saída se não a de renunciar em caráter definitivo a função de Vigário Cooperador da Paróquia de Nossa Senhora dos Remédios que até agora vinha exercendo.

Sendo Vossa Excelência o Governador em exercício da Arquidiocese deponho em suas mãos o referido cargo a partir do instante em que Vossa Excelência receber esta minha comunicação.

Grato por tudo, subscrevo-me atenciosamente, em Cristo,

o irmão no sacerdócio

Pe. Luiz Augusto de Lima Ruas – 2/6/66

O encaminhamento desta carta converte-se em marco do sacerdócio do padre Ruas. Acolhida esta, afastou-se por completo da atividade sacerdotal. E envolveu-se unicamente com o mister de professor universitário e de cronista radiofônico na Rádio Rio Mar, dirigida pelo amigo padre Tiago de Souza Braz. Deixou crescer os cabelos ao estilo dos poetas (à época, dos *hippies*) e, livre das vestes clericais, passou a se trajar de maneira despojada, trajando roupas desleigos, rigorosamente um conjunto desalinhado. Ainda assim, antecipou a moda uns trinta anos: Ruas foi vanguardista na maneira despojada de vestir corrente dos jovens, cujo modismo seus seguidores denominam de *largidão*. Tornou-se um tipo boêmio. E, como boêmio e poeta, apreciava geladas cervejas e um repertório de músicas nacionais, que acompanhava com ritmo. Um boêmio bem definido em crônica própria – *De boemia, etc* (JORNAL CULTURA, n. 3/1970).

De início me parece que boemia e poesia são muito parecidas, e não só por causa da rima. Pra mim, poeta e boêmio são irmãos gêmeos. Talvez sejam diferentes apenas em um aspecto: o boêmio é uma espécie de poeta existencial, vivencial. Ele trás para a vida aquele estado de espírito que é peculiar ao poeta. Isto explica porque nem todo boêmio é poeta no sentido estrito (que faz poesia) e nem todo poeta é boêmio embora este último caso seja muito comum.

A boemia como a poesia é um dom. Quem nasceu para ser boêmio pode virar do avesso que não deixa. Ou deixa. Mas aí é um frustrado. [...]

Além de dom a boemia é também vocação. Há os boêmios frustrados do mesmo modo que há os outros frustrados. Aqueles que vivem uma vida que não cola com as suas aptidões. E que, portanto, não vivem vida nenhuma. Ninguém escolhe a boemia. Ela é que nos escolhe. Nisto está a verdadeira vocação. O vocacionado é aquele que não sabe explicar porque é que é isso ou aquilo. Pergunte, leitor, a um poeta verdadeiro porque ele é poeta. Duvido que você obtenha uma resposta exata, lógica. A vocação nos obriga e nos constrange. Não adianta fugir. Nessa história de vocação é como aquela história do “se correr o bicho pega, se ficar o bicho come”. Não tem escapatória. [...]

* * *

O exercício de capelão do tradicional Colégio Santa Doroteia teve início quando padre Ruas foi nomeado chanceler da Cúria. Logo depois de sua ordenação. As edificações eram contíguas, construídas quase no mesmo terreno. E para facilitar ainda mais, o sacerdote morava na mesma artéria.

A Casa da Criança, obra de dom João da Matta, continua amparando crianças pobres. Construída na avenida Ramos Ferreira, quase no cruzamento da avenida Joaquim Nabuco, e nas proximidades da residência de padre Ruas. Como era próprio de sua índole, cuidou das capelanias com dedicação e devotamento. Para lembrar o primeiro decênio de funcionamento deste empreendimento católico, escreveu — *Dez Anos* (A CRÍTICA, 03.02.1958).

Ao falarmos do décimo aniversário da *Casa da Criança* não é possível deixar de recordar, embora em leves traços, a figura daquele extraordinário homem de ação que foi dom João da Matta Amaral, que foi, entre nós, antes de tudo, um atestado vivo do dinamismo social da Igreja. Homem da estirpe dos grandes revolucionários, homem que pensava mais com o coração do que com a inteligência. Dom João da Matta captou intuitivamente a mensagem social de todos os grandes papas que se assentaram ultimamente na cátedra do Príncipe dos Apóstolos. [...]. Inequivocamente, porém, a *Casa da Criança* é uma obra de estrito sentido social. E não sei se, de propósito, dom Matta escolheu para dirigir esta instituição as Filhas de Caridade. Estas Filhas de Caridade nascidas do espírito extraordinário do gigante da Ação Social Eterna da Igreja que foi São Vicente de Paulo.

Vamos em frente. A irmã Marília Menezes, ASC (Adoradoras do Sangue de Cristo), relembra e relata alguns episódios acerca do padre Ruas: “Algumas de nossas irmãs trabalharam com ele, recém-ordenado, quando ainda estava começando a paróquia de São Jorge, que depois passou para os padres da TOR (Terceira Ordem Regular) franciscana. Era muito zeloso na paróquia que se iniciava”. Adiante, completa: “Parece-me que ele teve dificuldades com o arcebispo de Manaus, dom João de Souza Lima, e entrou em profunda crise”. Esta crise arrastou-se por suficiente tempo, e perdurou até o governo de dom Milton Corrêa Pereira (1981-84). Ao tempo da visita do papa João Paulo II, pela qual se envolveu sobremaneira este bispo. Ainda relembra a freira, que trabalhava na secretaria do arcebispado, primeiro com dom João e depois com dom Milton Pereira, “quando foi conhecido que o Papa João Paulo II viria a Manaus, na última semana de julho de 1980. Eu fiquei como secretária da preparação da visita, que foi muito trabalhosa”.

Dois acontecimentos à época parecem que se conjugaram: a atividade de padre Ruas na Rádio Rio Mar e a posse na arquidiocese de dom Milton Corrêa. A presença do Papa exigia,

por isso padre Ruas foi designado pela emissora católica para narrar as atividades, especialmente as litúrgicas, de Sua Santidade pela cidade. Ninguém melhor do que ele para este mister, por sua formação religiosa e pela experiência radiofônica. Para tanto, foi registrado como jornalista da Rio Mar. Seu trabalho bem que poderia ter mostrado resultado mais satisfatório, mas foi obstruído por tantos jornalistas ávidos em mostrar serviço mesmo que sem qualidade. O jornalista caboclo, por sua introspecção, permaneceu ao fundo, meio escondido, como se recorda Benedita Rodrigues, por anos colega de padre Ruas na Rio Mar.

Ao deixar Manaus, João Paulo II levou amplos apelos pela nomeação de dom Milton Pereira para o pálio amazonense. Dom Milton, que exercia a administração apostólica (espécie de interinidade) da arquidiocese foi afinal nomeado, em 1981, o 3º arcebispo de Manaus. Não demorou muito na direção de sua grei, pois faleceu em 1984, deixando padre Ruas reintegrado na atividade primordial da Igreja.

Empossado, dom Milton decidiu reorganizar as paróquias de Manaus para dotá-las de vigários efetivos. Mas o sempre reduzido número de sacerdotes exigiu manobras do bispo, que “possuidor de um coração muito caridoso e dotado de grande visão pastoral, quis dar uma paróquia ao padre Ruas, ou este a pediu a ele – não sei. Este bispo, que estava reorganizando as paróquias de Manaus e precisava de padres, criou a paróquia de Nossa Senhora das Dores, no bairro da Redenção”, conta Irmã Marília.

Em verdade, relembra o padre Luiz Souza, o maior responsável pelo retorno do padre Ruas ao seio da Igreja foi seu amigo, padre Tiago de Souza Braz (1931-1997). Na condição de administrador da Rio Mar desde 1962, quando esta foi adquirida pela Igreja Católica, empregou com sucesso na emissora seu colega. Como fixamos em outro local, no ano seguinte, padre Ruas produziu o *Auto da Paixão* no Parque Amazonense. Entretanto, foi com a crônica radiofônica – *A Voz do Povo*, apresentada ao meio-dia, que se consagrou.

Nos novos estúdios situados na rua José Clemente, se reuniam no dia-a-dia além do diretor geral e do padre Ruas, Erasmo Linhares, diretor de programação. Linhares foi um cronista de valor, integrante do Clube da Madrugada, autor de *O Tocador de Charamela* (lançado em 1979, com prefácio de L. Ruas). Este convívio diário permitia ao padre Tiago manter seu colega em contato com a Igreja, servindo-lhe de intermediário com a autoridade eclesiástica. Padre Tiago e dom Milton mantinham uma aproximação conseqüente, o diretor da Rádio devia atenção ao bispo e este lhe devotava respeito em decorrência do valor da emissora. Tanto que o bispo, na véspera de seu falecimento, ao ser acometido de forte mal estar, convocou o diretor da Rádio

para as providências mais próximas.

Toda esta aproximação permitiu ao padre Tiago Braz interceder ou indicar a dom Milton o aproveitamento de padre Luiz Ruas. A memória pertence a irmã Marília: “Não sei bem os detalhes, o certo é que padre Ruas cortou os longos cabelos, já grisalhos, e o arcebispo o recolocou na Ordem sacerdotal”. Criada a paróquia da Redenção, nela dom Milton “colocou o padre Ruas como pároco e pediu que nós, Adoradoras, fôssemos trabalhar no local, pois estava dentro de nosso carisma: Dores-Redenção-Sangue de Cristo”.

No bairro da Redenção, a paróquia de Nossa Senhora das Dores foi criada às vésperas do Natal de 1980, no dia 23. Elson Farias (1993) completa essa informação:

[...] desmembrada da paróquia de Santa Cruz, sendo seu primeiro pároco o pe. Luiz Augusto de Lima Ruas, mas a sua história remonta ao ano de 1975, na época da Páscoa, quando um punhado de fiéis resolveu organizar uma comunidade eclesial, sendo por eles discutido o nome da padroeira do lugar, aventados os de Nossa Senhora do Desterro e Nossa Senhora Menina.

Formado, aleatoriamente, o bairro cresceu sem um nome definitivo, sendo designado por alguns como Esplanada, Henocho Reis, e, até, por apelidos pejorativos como Planeta dos Macacos. Mas, inspirado pelo proprietário de toda a área agora ocupada, conhecida por esse topônimo, o bairro passou a chamar-se de Redenção, que foi crescendo com a colaboração da Igreja.

O pároco teve certamente muito trabalho, dado que a igreja instalada em localidade de distante acesso e de pobreza reconhecida, para prosperar exigiu muito de seu discernimento e de suas amizades. Ainda lá se encontra, mal localizada porquanto não foi contemplada com uma área fronteira e, em razão de que, junto à calçada do templo passa a artéria principal do bairro. Com efeito, a circulação de veículos e a movimentação comercial transformam o entorno da igreja em um pandemônio.

Como já demonstrara em São Jorge, o pároco da Redenção manteve os mesmos cuidados com os novos paroquianos. Zelava da mesma maneira pelos bens paroquiais. O livro de assentamento de Batismos inaugurado em sua gestão é prova cabal de seu desvelo. Vigário desde 23.12.1980, teve a delicadeza de registrar todos, todos mesmo os batismos que ele conferiu. Em 35 meses, entre 28 de dezembro e 27 de novembro de 1983, foram 845 batismos, e se interessar: média de 24,1 batizados por mês.

Pouco antes da visita do Papa (julho de 1980) foi criada a paróquia do Sagrado Coração de Jesus, sediada à rua Ferreira Pena, 1285. No local já existia uma capela construída em 1953, ligada à Catedral. Novamente Elson Farias (1993) abaliza a notícia:

Em 1982, no dia 30 de janeiro, foi inaugurada a igreja matriz da paróquia, sendo transladada solenemente do Arcebispado para o novo templo, a imagem centenária do Sagrado Coração de Jesus, doação do arcebispo dom Milton, constituída de uma produção de mestre santeiro português toda realiza em madeira.

Em 1983, uma salutar remoção de párocos atinge padre Ruas, que deixa a paróquia de Nossa Senhora das Dores. No mesmo movimento, foi designado para a do Sagrado Coração de Jesus. A transferência, todavia, não foi bem recebida pelos paroquianos do Coração de Jesus. Para manifestar de forma explícita à autoridade eclesiástica seus sentimentos, organizaram-se. O registro que se segue, escrito pelo padre Tiago Braz, sucessor do padre Ruas na mesma paróquia, foi recolhido do livro Tombo.

A comunidade não gostou da transferência e protestou fazendo abaixo-assinados com passeata até o Arcebispado, com publicação em jornais e TV contra a resolução do Arcebispo. Resultado: padre Souza, como era conhecido, fez de fato sua despedida solene no dia 18 de setembro. E, no dia 2 de outubro, toma posse o novo pároco – padre Luiz Augusto de Lima Ruas, [...]. A solenidade de posse foi presidida por dom Milton Pereira e teve como co-celebrantes: monsenhor Francisco da Silveira Pinto, padre Luiz Gonzaga de Souza, padre Tiago de Souza Braz e o novo pároco. A missa contou com a presença de toda a comunidade que, ao final, prestou homenagem ao recém empossado pároco no local da futura quadra de esportes, fazendo votos de continuidade dos trabalhos comunitários desenvolvidos pelo pároco anterior.

Assim padre Ruas se transferiu do bairro da Redenção para a periferia do Centro. Estava mais bem situado, é evidente, mas nem por isso se mostrou menos zeloso com a Casa de Deus. Seguiu dispensando conforto espiritual e até mesmo material aos seus fiéis. Uma das manifestantes de primeira hora, dona Neusa O. de Souza, conta que seu comportamento surpreendeu. Influíu sobremaneira na preparação de *ministros da eucaristia*, quer os acompanhando quer os incentivando nos estudos. E os paroquianos recomendados ao Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH) recebiam auxílio na preparação de trabalho curricular, com empréstimos e até aquisição de livros necessários ao melhor aprendizado dos *cenescistas*.

Por iniciativa do governo municipal, em 1985, a administração fez construir uma quadra de esportes no terreno da igreja. No imóvel, o vigário poderia sagrar seu nome, mas preferiu denominar a obra de *Centro Esportivo Pe. Luiz*.. Em função de que, até o presente, três padres Luiz dirigiram a paróquia. Para melhor compreender, veja o álbum de fotografias. Padre Luiz Ruas esteve na direção desta paróquia até 15 de fevereiro de 1987, quando retornou à dos Remédios, de onde havia se retirado atritado com o prelado, e quiçá pensando em renunciar ao

sacerdício.

* * *

Um pouco deslocado do contexto, inclusive pela cronologia, mas se torna preciso efetuar um significativo registro. Em 1986, o Amazonas católico encantou-se com a festa da restauração da Catedral de Nossa Senhora da Conceição. Para engrandecimento da festa, padre Ruas entregou aos fiéis um nobre presente. Escreveu um hino em louvor, que intitulou de — *Neste chão dos Manaus* (música de frei Luis Carlos, escrita em Porto Alegre). A canção aqui reproduzida foi adotada pela paróquia da Catedral como seu Hino oficial.

Neste chão dos Manaus

Hino da festa da restauração da Catedral

Neste chão de Manaus foi erguida,
Por aqueles que vieram primeiro,
Uma humilde capela que foi
O sinal de um amor verdadeiro.

*Nossa Senhora da Conceição
Imaculada, rogai por nós!
Nos vos pedimos somente isto:
Ser construtores da Paz de Cristo!*

Mas a fé do teu povo, Maria,
— Do Amazonas a mais linda flor —
Quis, depois, ofertar-te outro templo
Que dissesse ser melhor nosso amor.

Nem o fogo voraz, nem o tempo,
Conseguiram vencer teu amor.
Hoje estamos, de novo, Senhora,
Celebrando com fé teu louvor.

Do teu povo que vive em Manaus,
E às margens dos rios caudalosos,
Nas florestas, nos lagos, recebe,
Mãe de Deus, os louvores piedosos.

Seja sempre uma prova de amor
Que teus filhos ofertam-te agora
Este templo de fé restaurado,
Nossa Mãe, do Amazonas Senhora.

Centenária, será para sempre
Da piedade do povo, sinal
E das graças que sempre nos deste
Nossa Igreja-Mãe, a Catedral.

Que na festa do templo sagrado
Nos ensine Maria a lembrar
Que é preciso também nossa vida
Com amor e com fé renovar.

* * *

Antes de prosseguir com o vigário-cooperador dos Remédios, relembro, pela influência que sobremaneira causou em sua atuação, duas efemérides da Igreja de Manaus: o falecimento de dom Milton Pereira e a posse de seu sucessor. O prelado faleceu no hospital da Beneficente Portuguesa. Desde quando se sentiu mal, na manhã de 21, foi assistido pelo padre Tiago Braz. Muito embora cuidados médicos e providências correlatas fossem oportunizados, não foram capazes de submeter o mal que levou à morte, em 23 de maio de 1984, o 3º arcebispo de Manaus.

Levou um ano de espera pelo novo prelado. Em 1985, dom Clovis Frainer, OFM Cap, toma posse na arquidiocese. Foi o 4º arcebispo de Manaus. Também permaneceu pouco tempo em nosso meio, pois foi transferido para Juiz de Fora (MG), no ano de 1991. Entre suas iniciativas uma se destaca e nos interessa, a reorganização territorial das paróquias. Quem melhor detalha essa iniciativa e suas conseqüências mais próximas, é o padre Tiago Braz.

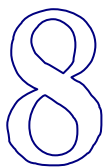
Atendendo às necessidades espirituais e pastorais da Igreja de Manaus, dom Clovis Frainer, arcebispo metropolitano, houve por bem fazer algumas alterações na administração de algumas paróquias, especialmente para resolver o problema da assistência espiritual da paróquia de Nossa Senhora dos Remédios, cujo pároco, monsenhor Alcides de Albuquerque Peixoto, mostrava-se bastante enfermo.

Para consolidar a gestão eclesiástica, o prelado limitou a arquidiocese em três áreas e uma delas subordinou-a ao padre Ruas. Ruas, devido a essa salutar inovação, passou a exercer cargo assemelhado ao de arcepreste (presbítero mais idoso ou antigo, que assistia o governo episcopal). Com o afastamento do bispo e a doença do padre, a missão estava encerrada.

A paróquia de Nossa Senhora dos Remédios possui uma longa história. Criada em 18 de abril de 1873, teve seu templo iniciado em 1892 e inaugurado em 11 de setembro de 1927. O

vigário detinha a regalia da inamovibilidade, que mudou quando da sucessão de monsenhor Alcides Peixoto. Padre Luiz Ruas foi o 11º vigário dos Remédios, empossado na festa litúrgica de São José do ano de 1987. Novamente o festejado pai do Menino Jesus derramava sua generosa bênção no seu protegido terreno. Acredito que desde a simpática medalha doada pelo frade franciscano, passando pelos seminários, São José com resignação o protegeu. Seu retorno ao grêmio sacerdotal ou a sua *conversão* como proclama Irmã Marília, deve ter tido o *dedo do Santo*.

Os caminhos de padre Ruas seguiam festejados, porém dura provação o espreitava. Aconteceu nos Remédios, na manhã de 7 de março de 1992, quando padre Ruas se preparava para atender a comunidade, reunido com seus auxiliares, foi atingido por um *acidente vascular cerebral*. Aos 61 anos de idade, o cedro começou a tombar. Apesar de socorrido com presteza, o mal o feriu com severidade. As seqüelas foram cruéis. Permaneceu acamado em definitivo, com movimentos parciais e, muito pior, impossibilitado de falar. Logo ele que tão bem pregava e conversava. Que tão bem cantava tanto hinos religiosos quanto cantigas populares. Que nunca podia deixar de escrever. Seu mundo ruíra. Restava o consolo de sacerdotes e de amigos que, por longos oito anos, ampararam o *pássaro ferido* até que a morte definitiva o consumiu.



O magistério de padre Ruas. Antes mesmo de sua ordenação sacerdotal, enquanto *seminarista maior*, L. Ruas iniciou o ofício de professor. Aconteceu no próprio colégio eclesiástico ao ensinar *Teologia Dogmática* e *Psicologia Geral*. Vale lembrar que o Dogma era matéria do curso de Teologia. Assim ensinou seus colegas mais jovens entre 1954 e 1958. Já sacerdote, permaneceu lecionando no Seminário, onde o autor desse esboço foi seu aluno de Grego e Latim.

Em 1957 assumiu a cadeira de *Ética Geral e Profissional* na Escola de Serviço Social. Escola de nível superior, que funcionava sob a orientação do desembargador André Araújo, instalada na avenida Getúlio Vargas na proximidade da avenida Ramos Ferreira. Ruas nunca mais parou.

Integrou o colégio *Christus*, de seu amigo e compadre Orígenes Martins, desde a fundação, ensinando *Francês* e *Educação Artística* e, mais adiante com a reforma educacional do governo militar, a famigerada *Organização Social e Política Brasileira* (OSPB).

Tem mais. Quando o cônego Walter Nogueira assumiu a secretaria de Educação e Cultura (1958), e esteve impedido de lecionar, fez nomear o padre Ruas para substituí-lo no Colégio Estadual do Amazonas ensinando as disciplinas *Grego* e *Francês*. O decreto de nomeação, datado de 8 de agosto, traz a assinatura do governador Plínio Ramos Coelho.

Nesse período, a Igreja Católica empenhava-se em instalar uma Faculdade de Filosofia. É creditado ao cônego Walter Nogueira a concretização deste anseio, que contou com a assistência do padre Luiz Ruas. O êxito, assim como o desgastante périplo, foi descrito em um livro de nome esquisito – *Sindérese da Faculdade de Filosofia* (1962). A faculdade funcionou no edifício instalado na rua José Paranaguá e, desde quando incorporada pela UFAM, o mesmo já abrigou vários departamentos universitários. Hoje abriga a Fundação de Apoio Institucional Rio Solimões — UniSol. No período que se estende de 1961 a 1964, padre Ruas foi inicialmente professor de *Psicologia Geral e Estética* e diretor, nomeado em 28 de março de 1963. Um ano depois, militares o retiraram de seu escritório na Faculdade e o escoltaram até o quartel do 27º BC, hoje 1º BIS, no bairro de São Jorge, acusado de subversão. Mas esta é outra faceta de sua vida que será tratada em seu devido momento.

No ano letivo de 1962, o padre Ruas foi nomeado professor substituto para ensinar *Sociologia* e *Psicologia* em diversas turmas no curso de professores do Instituto de Educação do Amazonas. Ali ensinou ainda *Francês*. E, pelas páginas de jornal, em ensaios e crônicas como a que saudava o dia dos professores (A CRÍTICA, 15.10.1957), os melhores caminhos da vida.

Esperando tornar mais compreensível sua trajetória no magistério, reproduzo parte do seu currículo encaminhado à UFAM em outubro de 1988.

II. – MAGISTÉRIO OFICIAL

1. Professor substituto de Grego no Colégio Estadual do Amazonas – 1958;
2. Professor substituto de Sociologia no Instituto de Educação do Amazonas – 1962;
3. Professor substituto de Francês no Instituto de Educação do Amazonas – 1962;
4. Professor de Psicologia Educacional no Instituto de Educação do Amazonas – 1962;
5. Professor de Psicologia Geral da Faculdade de Filosofia do Amazonas – de 1961 a 1964;

6. Professor de Estética da Faculdade de Filosofia do Amazonas – 1963;
7. Professor substituto de Francês no Colégio Estadual do Amazonas – de 1968 a 1969;
8. Professor de Psicologia (2º ciclo) no Colégio Estadual do Amazonas – 1969;
9. Professor de Psicologia Educacional em curso de aperfeiçoamento para professores de ensino médio promovido pela Secretaria de Educação e Cultura do Estado do Amazonas – 1968 a 1969;
10. Professor de Psicologia Geral I na Universidade do Amazonas – 1965 a 1985;
11. Professor de Psicologia Geral da Universidade do Amazonas – 1980 a 1985.

III. – MAGISTÉRIO PRIVADO

12. Professor de Teologia Dogmática no Seminário Arquidiocesano São José de Manaus – 1954 a 1957;
13. Professor de Psicologia Geral no Seminário Arquidiocesano São José de Manaus – 1954 a 1958;
14. Professor de Ética Geral e Profissional na Escola de Serviço Social de Manaus – 1957 a 1962
15. Professor de Francês no Instituto *Christus* do Amazonas;
16. Professor de Educação Artística no Instituto *Christus* do Amazonas;
17. Professor de Psicologia Geral e da Personalidade na Escola de Serviço Social de Manaus – 1967 a 1972;
18. Professor de Organização Social e Política Brasileira (OSPB) no Instituto *Christus* do Amazonas – 1969 a 1972.

O ofício de professor encerrou-se com sua aposentadoria em 1984, depois de mais de 31 anos de serviços prestados a Universidade Federal do Amazonas, outros estabelecimentos de ensino e a Rádio Rio Mar.

* * *

Três acontecimentos importantes na vida do padre Ruas ele próprio descreve na crônica — *Uma reunião que ficou* (O JORNAL, 28.08.1966):

Já não posso mais precisar a data. Deve ter sido lá pelos anos de mil novecentos e cinquenta e cinco ou cinquenta e seis. Cinquenta e quatro foi um ano que se gravou, profundamente, em mim por causa de três acontecimentos. O primeiro deles foi minha ordenação sacerdotal; o segundo, foi a instalação do Instituto Christus do Amazonas (hoje, Centro Educacional Christus); e o terceiro, a fundação do Clube da Madrugada. Em outras palavras, eu começava, o Christus começava e começava o Clube.

Inicialmente, por diversas e pessoais razões, estive mais ligado ao Instituto Christus. Acompanhei de perto sua gestação (bastante laboriosa) e o seu alvissareiro nascimento.

A direção deste colégio lembrará suas bodas de ouro. Mas, do Instituto Christus de 1954 que

hoje se denomina com sucesso de Centro Integrado de Educação Christus (CIEC), quero consignar neste espaço a devoção do padre Ruas pelo empreendimento do amigo Orígenes Martins. Que parecia seu próprio negócio. “Tínhamos uma biblioteca que eu pensava ser do padre Luiz Ruas”, conta uma ex-aluna (AMAZONAS EM TEMPO, 13.06.2004). A cidade inteira sabe, os ex-alunos mais idosos sabem, a comunidade do *Christus* sabe – o padre Ruas foi uma “figura presente dos instantes decisivos”, de uma dedicação mais que fraternal. Querendo ou não registrar seu devotamento, escreveu o Hino do *Christus*/CIEC, que a mesma ex-aluna julgava “que o poeta padre Ruas com certeza gestou na biblioteca”. O falecido maestro Pedro Santos, amigo comum, registrou-o com notas musicais. Deu-lhe a melodia.



O jornalista. A iniciação no jornalismo, ainda que fugidia, ocorreu no ano de 1954 nas páginas do *Universal*. Produziu um único artigo. Com fervor e vivo entusiasmo, o agora padre Ruas retomou no início de 1955. Em 13 de março, volta em prosa e verso. Identificando-se apenas por L.R., padre Ruas publica o poema — *Símbolo*, que, pela temática e pelas figuras empregadas, os admiradores e leitores logo identificaram a autoria. E, em outra página, como lição de novo teólogo, escreve *Notas sobre o conhecimento científico*. Acreditando ser este seu primeiro poema publicado em Manaus, pelo menos na imprensa, promovo a transcrição:

SÍMBOLO

L. R.

No azul-negro do céu inacessível
O pássaro branco estava leve
Como uma estrela apagada
Estava o pássaro, morto.

Mas o peixe que nas águas eternas cantava
Morreu na árvore de carne.
Nascida
Da semente da vida.

O pássaro comeu o peixe-fruto
E ficou pesado
Ficou prenhe
Do espírito que intumesce as águas eternas.

Suas penas de mármore então ficaram
Brancas como o trigo
Rubras como a uva
Banhadas pelo dilúvio universal
Ninguém ficou das águas vivas!

Então os cordeiros renascidos
Entraram cantando
Salmodiando
Na cidade de ouro e cristal
O cântico ao Sol que saiu do ventre das Noites
Da Noite Virgem
Da noite torpe.
O Sol que venceu o dragão
O cântico do Sol que jamais a Terra ouviu:
Sanctus! Amem! Aleluia!

Demorou pouco a primeira investida do jornalista, até o final de 1955. Diante ou em consequência do texto produzido – *A inutilidade do padre* (30.10.1955) –, padre Ruas encerra sua colaboração no *Universal*. Terá sido uma decisão pessoal ou da direção do jornal? Ouso afirmar que o articulista foi *cenurado* pela direção do semanário católico. Não há como comprovar se houve aquiescência do bispo do Amazonas, dom Alberto Ramos, nem sequer se o diretor, cônego Walter Nogueira, convicto seguidor da Igreja tradicionalista, teria imposto sua orientação. O *progressismo* do novo padre, decerto, fora demasiado, extravasara os limites da província. Durante o ano de 1956, padre Ruas esteve ausente das páginas literárias, ao menos da imprensa diária. Limitou-se em cumprir o ofício de professor em alguns colégios. E ser pároco de subúrbio, da paróquia de São Jorge.

* * *

No primeiro semestre de 1957, o *Universal* divulga a presença deste sacerdote na paróquia de Nossa Senhora das Dores, de Manicoré. Após a metade do ano, padre Luiz Ruas estréia no jornal *A Crítica*. O fiador desta aquisição foi o professor Origenes Martins que, então, ajudava o amigo Umberto Calderaro (seu colega tanto no Colégio Dom Bosco quanto no Seminário São José) nos primeiros anos do jornal. Conhecedor da competência do padre Ruas, já experimentada no jornal da Igreja, convidou-o para o jornal de Calderaro. Quê escreveria,

preocupou-se o novo periodista. Escreveria sobre os fatos cotidianos daqui e dali. Assim experimentou. E resultou em agradável surpresa, cujo resultado foi mais que satisfatório. Seja os da redação seja os leitores se encantaram.

Estabelecendo sua identidade literária, em 2 de agosto, L. Ruas estreou a coluna *Ronda dos Fatos*. Na primeira crônica, noticiou a doença grave que acometia o escritor José Lins do Rego. Elaborou um poema com *Se teu olho for simples*. Noticiou sobre Arthur Reis e Djalma Batista. Começou bem elitista, é verdade, mas em outras e outras páginas retrataria o lamento dos pobres e moradores da periferia. Muitos dos quais seus paroquianos.

ZÉ LINS DOENTE

Vem abalando todos os meios literários do País a notícia da enfermidade grave de José Lins do Rego. O fecundo romancista e pintor excímio das paisagens e costumes do nordeste brasileiro, o menino de engenho, jornalista dos bons, colaborador literário de várias revistas, torcedor do Flamengo, além de outros títulos é um nome nacionalmente conhecido não só na Casa de Machado de Assis, mas é também um nome conhecido de quase todo o povo brasileiro. Fazemos os mais sinceros votos de que o autor de Doidinho quanto antes se restabeleça e volte a escrever suas crônicas, seus romances e a torcer pelo Flamengo.

SE TEU OLHO FOR SIMPLES

*Devemos nos esforçar para tornar mais simples os nossos olhos.
Para que olbemos com simplicidade o nosso irmão.
E não vejamos simplesmente em nosso irmão, em suas atitudes, em suas lutas, em seu ódio talvez, unicamente um interesse egoísta.
Se o teu olho for simples...
Talvez ames com mais facilidade o teu próximo.
Vejas com mais objetividade os teus erros e defeitos.
E aceites com mais humildade aqueles que os apontam.*

A colaboração jornalística não tinha periodicidade definida. Deveria ser diária, não muito diária porque os periódicos de Manaus não circulavam na segunda-feira. Inaugurada em agosto, *Ronda* findou-se em 8 de março de 1958, apreciando o filme *Suplício de uma saudade*. De fato, deixou saudades. Foram sete meses de jornalismo e, neste período, L. Ruas produziu 93 colunas. Os meses mais produtivos foram agosto de 1957 e janeiro de 1958 com 17 *Ronda* cada. Em março quando finalizou produziu apenas três. Já editada, a coleção de *Ronda* reclama uma edição.

O sucesso foi espontâneo e sustentado. Tanto os críticos locais quanto os de outras praças se manifestaram. O próprio jornal manifestou este júbilo por ocasião do natalício do cronista. Em 28 de novembro de 1957, o periódico não economizou aplausos para comemorar os 26 anos

de idade do padre L. Ruas.

Grande dia, sem dúvida, para a intelectualidade amazonense, é o que hoje passa. Na data comemora-se o aniversário natalício dessa personalidade brilhante que é o padre Luiz Ruas, colaborador muito lido do “melhor jornal da cidade” e uma das figuras mais respeitáveis dos meios culturais de nossa terra, onde firmou um prestígio invejável graças ao seu talento multiforme e uma capacidade de fazer amigos realmente rara nos dias de atuais. Moço ainda, porém dotado de excelentes qualidades morais e de trabalho. Luiz Ruas, nosso colaborador desde longos anos, é pessoa queridíssima nesta casa, onde desfruta de merecido conceito entre os colegas da redação, pela brandura de trato e extrema camaradagem que a todos devota, comprovando assim, aquela sinceridade e simplicidade que é característica dos espíritos superiores, que não traíram a sua origem modesta, como é o seu caso. Não obstante, ser no momento como dissemos, um dos amazonenses mais cultos da atual geração e, pessoalmente, um homem bom na verdadeira acepção do termo. *A Crítica* honra-se em ter Luiz Ruas como um dos assíduos colaboradores.

Nossas colunas estão abertas para tudo que ele, o aniversariante de hoje produz. Seu aniversário natalício vai ser motivo para grande regozijo íntimo de todos nós. Vamos festejar a data condignamente, reunindo aqui em casa todo o pessoal para saudá-lo. Haverá surpresas, à sua chegada, hoje, na redação do “melhor jornal da cidade”. Salve o padre Ruas.

Afonso de Carvalho, também cronista de *A Crítica*, dissertando sobre os *Jornalistas e Literatos* (A CRÍTICA, 22.09.1957) da terra, assim se referiu acerca de L. Ruas:

[...] Eu vinha do *Jornal do Commercio*, logo que o velho matutino, saindo das mãos de Vicente Reis, entrou para a cadeia dos Associados. Sou antigo, por conseguinte – não sou um dos moços portanto. [...] Mas acho que a palma da conquista deve ser, por justiça, nesse particular, dada ao jornal de Umberto Calderaro. Aqui foi que surgiu o brilhantíssimo Luiz Ruas, seguido de Artur Engracio, contista, Francisco Albuquerque, Fernando Collyer, cronistas, e os poetas Jorge Tufic, Guimarães de Paula, Farias de Carvalho e Luis Bacellar. Foi na *A Crítica* que esses meninos se fizeram, embora esparsamente aparecendo nas colunas de outros periódicos. [...]

Aqui duas opiniões em uma reprodução. Jorge Tufic (1984), um dos fundadores e presidente em três períodos, analisando, por ocasião dos 30 anos do Clube da Madrugada, a produção dos *clubistas* cronistas, produziu esta página:

[...] a maioria dos nossos cronistas atinge uma linguagem límpida e profundamente comunicativa, embora tratando de assuntos como a extinção da cidade flutuante ou simples (e corriqueiro) acidente de trânsito. Não será preciso irmos longe, na comprovação dessa realidade. Basta-nos citar *Linha d'Água*, volume de crônicas de L. Ruas, sobre o qual Pessoa de Moraes, escritor e sociólogo pernambucano, externou-se em longo artigo estampado, simultaneamente, no *Jornal do Commercio*, de Recife; no *Unitário*, de Fortaleza; no *Correio Braziliense*, da capital federal e no Suplemento artístico do semanário *Beira Baixa*, do Algarve, em Portugal. Diz o autor: “Seu livro, principalmente em algumas de suas páginas, foi para mim uma surpreendente revelação. Há em L. Ruas, sem o menor exagero, sutilezas ou lampejos de pensamento que lembram a penetração filosófica e psicológica de autores famosos. Há no livro, sobretudo nessas partes, um cuidado a respeito de problemas da vida humana – de conhecimento dos outros, da amizade, do amor, da

solidão, etc..., que mostra a agudeza de um filósofo ou de um psicólogo. E de um filósofo ou psicólogo criadores capazes de, refletindo sobre as coisas de vida, retirar reflexões cheias de sabedoria. Nesses melhores momentos L. Ruas apresenta, paralelamente, uma concisão vocabular e de idéias bem marcante. Não faz rodeios inúteis. É incisivo ao abordar os temas de que trata”.

L. Ruas desativou a *Ronda* em 8 de março. Três semanas depois, veiculou o artigo *Tempo e Disposição* (A CRÍTICA, 28.03.1958), explicando-se aos seus leitores. Lá, detalhou os motivos que o levaram a suspender essa contribuição jornalística.

Acho que estou devendo uma explicação aos leitores de *A Crítica*. [...] Eu mesmo cheguei a sentir a ausência da *Ronda dos Fatos*. Comecei, então, a procurar a verdadeira causa da ausência. Falta de assunto não era.

Encerrando a exposição, revela sua obstinação em escrever:

Ao dizer aos que sabem ouvir. Aos que têm ouvido para ouvir e entender os fatos. Não seria esta a causa. Falta de vontade de escrever, isso então...”. [...] “Não, não era o tempo. Seria antes falta de disposição. Cansaço talvez. É isso mesmo. Falta muitas vezes aquela disposição orgânica indispensável. Não sei se me justifiquei plenamente. Diante de mim e de Deus penso que estou justificado. De uma coisa estou certo. Não posso passar muito tempo sem escrever.

Ainda assim não aplacou os anseios dos leitores, que não apenas protestaram como se manifestaram. O *aluno* Francisco Corrêa agindo mais concretamente enviou à redação o *Bilhete ao L. Ruas* (A CRÍTICA, 31.03.1958).

Prezado mestre

Lemos angustiados a possível ausência de *Ronda dos Fatos*. Nós que somos leitores assíduos, ficamos tristes. Nossa aflição chegou ao apogeu porque nunca imaginamos que seria bruscamente interceptada nossa predileta leitura matinal de um admirável colunista de *A Crítica*. Seus argumentos em *Tempo e Disposição* desculpando-se pelo desaparecimento da coluna em foco, talvez lhe possa ausentar de tão grave decisão. Mas, prezado mestre, com sua facilidade hercúlea de escrever coisas simpáticas, acessíveis a nós, inveterados leitores da *Ronda dos Fatos*, não o perdoamos. Queremos o seu retorno. Exigimos-lhe, enfim (assíduos de sua brilhante *Ronda*, desculpe-nos os termos), um esforço sobre-humano para que não nos prive de uma alegria cotidiana. Os fatos se evidenciam a todo instante e o senhor os narra em linguagem mais concisa, mais clara. Volte, portanto. Deus há de lhe proporcionar saúde, tempo e disposição suficiente para solucionar normalmente os afazeres da vida. Ficamos certos de que o nosso pedido merecerá sua atenção esclarecida.

Um abraço do aluno.

Estava enterrada a coluna *Ronda dos Fatos*, mas o jornalista continuou contribuindo com o matutino de Calderaro. Exercitava-se esporadicamente sobre assuntos diversos porque, como

estampara em *Tempo e Disposição*, não podia passar sem escrever. Entre março e agosto produziu vários artigos sobre Cinema, arte em que, na Cidade, era um fundíssimo conhecedor. Entretanto, exato um ano depois, escrevendo o ensaio *Leis para controvérsias* (A CRÍTICA, 02.08.1958) L. Ruas despediu-se deste periódico. Não contou a alguém ou deixou registro em alguma parte ou simplesmente não alcancei os motivos desta separação. Queira Deus tenha sido pacífica. Sem traumas, sem desconfianças e sem retorno. Esta contribuição ao jornalismo amazonense, pode-se denominar de primeira fase, visto que no suplemento gerado pelo Clube da Madrugada, a partir de 1975, L. Ruas voltará ao jornal “de mãos dadas com o povo”.

10

Disputa Jornalística. Na transposição de fevereiro para março de 1958, Manaus assistiu um debate jornalístico de elevado nível. Nada inusitado. Era bastante comum essa troca de opiniões pelos jornais. Grandes nomes da época, em assuntos os mais variados, experimentaram o modelo. Aqui terçaram suas forças intelectuais dois jovens. Em 27 de fevereiro, Jefferson Peres (26a), atual senador, colaborador de *A Crítica*, subscreveu um artigo intitulado *O Globo, o Dr. Corção e o Nacionalismo*. Nacionalista confesso, Peres defenestrou de uma só tacada o jornal carioca dos Marinho e o saudoso pensador católico Gustavo Corção, denominando este de *calborda*.

Em defesa do pensador, padre Ruas (27a) escreveu *Gustavo Corção, o calborda* (A CRÍTICA, 01.03.1958). Aproveitou o texto para cunhar o mote — *calbordadas à Corção*. Abespinhado (termo da época), Jefferson Peres transferiu-se para *A Gazeta*, apimentando o debate. Foi uma semana de elevado esforço mental entre os dois rapazes, e durou até quando o jornal de Calderaro e L. Ruas, escrevendo *Coisas sem sentido*, (A CRÍTICA, 07.03.1958), impuseram fim ao “incidente dos calhordas”.

No corrente ano, repassei esta documentação ao senador Jefferson Peres para que relembresse a disputa e, desejando, colocasse agora sim! ponto final naquele incidente juvenil. A seguir, a apreciação que me ofereceu:

Manaus, 16 de maio de 2004

Esse distante episódio da minha vida é um dos poucos dos quais me arrependo. À época, eu sofria da “doença infantil do esquerdismo”, para lembrar a conhecida expressão de Lênin em relação aos radicais. Muito jovem, eu dividia maniqueisticamente o mundo político em dois campos: o do Bem e o do Mal. Colocava no campo do Mal todos que divergiam de mim e, como fervoroso cruzado, de lança em riste, investia contra eles.

Nessa polêmica o Ruas estava coberto de razão. Ele estava certo; e eu, portanto, errado. Fui grosseiro e injusto com o Gustavo Corção, um homem respeitável a todos os títulos, pensador católico, intelectual de mérito e de honradez inatacável. Em política era um conservador, pecado imperdoável para o jovem intolerante que eu era.

Em seu primeiro artigo o Ruas, num belo texto, com fina ironia, saiu em defesa de Corção e desnudou a minha intolerância.

Em vez de contestar com argumentos – e talvez à falta deles – preferi sair com a quixotada do desafio para um debate público.

Em seu segundo artigo, com lógica implacável, o Ruas mostra que o desafio não tinha cabimento, porque não estava em causa o nacionalismo, e sim a ofensa gratuita que eu assacara contra Corção. Sua argumentação era irresponsável, ditada pela razão, em contraste com a minha, fruto de paixão. Perdi. E, de sobra, ainda levei um merecido puxão-de-orelhas do editorialista de “A Crítica”.

Curioso é que, mais tarde, trilhamos caminhos políticos em direções opostas. Eu para o centro, onde me situo hoje, como liberal que aprendi a ter absoluto respeito pelas opiniões alheias. Ruas, ao contrário, guinou para a esquerda e passou a integrar um movimento radical de sacerdotes e leigos, muito atuante no seio da Igreja Católica.

Essa militância lhe custou caro, vítima que foi da repressão dos órgãos de segurança, que o levou à prisão arbitrária, após o golpe militar de 1964.

Mas nem aquela polêmica, nem as nossas posições políticas divergentes, e até antagônicas, impediram que nos tornássemos posteriormente, no Clube da Madrugada, bons companheiros e amigos fraternais. A ponto de ele se converter em meu eleitor de carteirinha.

Feito o esclarecimento, permita-me pedir-lhe que incorpore esta carta ao seu livro, por se tratar de uma autocrítica e de uma retratação, embora tardia, à memória de Gustavo Corção, vítima de meu arroubo juvenil. É importante que os leitores saibam que me penitencio, hoje, de um episódio do qual não me orgulho, e do qual não chego a me envergonhar pela atenuante dos meus verdes anos.

Vale também como homenagem àquela grande figura de intelectual e humanista que foi o nosso saudoso Luiz de Lima Ruas.

Jefferson Peres

12 * *

Naquele março de 1958, como a retribuir a defesa do pensador católico Gustavo Corção, certamente não apenas por tanto, mas por reconhecer sua competência intelectual, o líder católico amazonense, desembargador André Araújo, convidou o professor Luiz Ruas para proferir a aula inaugural da Escola de Serviço Social. O evento aconteceu na tarde de 20 de março, contando com a presença do diretor, André Araújo, do corpo docente, dos acadêmicos

alunos e de uma convidada especial, assistente social Orlanda Teixeira de Medeiros, representante do SESC-SENAC nacional. *A Crítica* do dia imediato noticiou:

O padre Luiz Ruas, professor de Ética Moral, foi que proferiu a aula inaugural, dissertando sobre o tema Problemas Sociais da Atualidade Brasileira, fazendo antes uma visão ampla sobre os principais problemas mundiais: 1) Influência do capitalismo e do individualismo econômico; 2) Enfraquecimento da vontade do homem, e 3) Falta de interesse, por parte da mocidade, para com os conhecimentos técnicos e científicos.

Dentre os problemas de âmbito nacional, o conferencista citou: a) o amoralismo político, fruto de uma democracia imberbe; b) infraprodução, motivada pela atual transição econômica; c) fome; d) analfabetismo. Particularizando os problemas de cada parte do Brasil, fez o orador a seguinte classificação: Norte – Crise na produção da borracha; Nordeste - Seca; e Sul – Falta de habitação e superimigração nordestina.

Procurando apontar uma solução, o brilhante professor incitou a mocidade a reestruturar a nossa sociedade, seguindo o exemplo que já se sente no atual movimento nacionalista brasileiro, que embora dirigido ainda por interesses particulares, já surtiu frutos gloriosos, como se ser o Petróleo Brasileiro SA – PETROBRAS, que verdadeiramente se constitui em um alicerce para o progresso econômico do Brasil.

Ao final da aula, o diretor da Escola e o acadêmico Edson Rosas, em nome do Diretório Acadêmico *Mary Richmond*, discursaram. Rosas não apenas saudou a ilustre visitante como desejou o melhor êxito escolar aos colegas primeiranistas do curso de Assistente Social. Vale lembrar que esta Escola foi incorporada à UFAM, que segue formando esses destemidos profissionais.

11

Clube da Madrugada. Sob a copa do *mulateiro* plantado na Praça da Polícia, em 22 de novembro de 1954, reunindo jovens literatos repletos de anseios renovadores, foi inaugurado o Clube da Madrugada. Luiz Ruas acabara de receber o sacramento da Ordem, em 31 de outubro, era então o padre Ruas. A conexão dessas forças foi bastante facilitada: de um lado, o movimento renovador e, de outro, o cristão-novo que trazia no sangue qualidade e prazer pela

leitura e, como ele mesmo assegurava, pela poesia.

Para melhor entendimento, segue abaixo parte da certidão-de-criação do Clube da Madrugada passada pelo cavaleiro Ramayana Chevalier, e impressa *No amargor da lua...* (O JORNAL, 10.03.1968), na ocasião em que aclamava em *Lunamarga*, a poesia de Alencar e Silva.

Um dia, um punhado de loucos quis criar uma fábrica de gênios. Eram lúgubres filhos do Inferno Verde, anjos nascidos nas asas da acauã, sazoados em sóis de sangue, paridos por abelhas macróbias, trazendo na alma o sinete dos grandes momentos amazônicos. Quando esses jovens pretenderam criar, já estavam velhos, já eram artistas consumados, já haviam percorrido os caminhos admiráveis da Grécia, os valhacoutos sombrios de Creta, os bairros tumultuosos de Esparta e Atenas, as margens sombrias do Sena e do Tâmsa. Não haviam saído de Manaus e já conjugavam todos os verbos da poesia universal.

Nos primeiros meses de 1955, L. Ruas juntou-se ao Clube da Madrugada. Abancou-se prazerosamente, acolhendo convite de Jorge Tufic e *recomendação* do sócio fundador João Bosco Araújo, filho de André Araújo, *residente* por amizade no então Instituto *Christus*. Entusiasmado com este movimento literário, “por ser um centro de vanguarda, aqui, em Manaus”, L. Ruas exerceu a presidência no biênio 1957-58. E mais, colaborou fartamente no *Suplemento*, editado pelo Clube, quando este circulou encartado em *O Jornal*, no período de 1962-72. Em outra fase do *Suplemento*, agora encartado no Caderno Vida, de *A Crítica*, no período de 1975-77.

O *fiar* (modismo bem corrente) de L. Ruas com o Clube da Madrugada foi espontâneo e arrebatador. E não poderia ser estranho, especialmente por ter sido ele um fidelíssimo amante das letras e da boemia. Quem nos conta esse arrebatamento é o próprio. O passo a passo constitui o mote da crônica *Uma reunião que ficou* (O JORNAL, 28.08.1966).

Foi só na data acima referida (embora não muito referida) que entrei em contato direto com o Clube. Naquele tempo já se falava bastante (bem e mal) da nova entidade artístico-literária que assomava nas praças públicas com arroubos de iconoclastia. Os poetas à frente que nem porta-estandartes. Era, simplesmente, a repetição em termos e proporções de província, do que sucedera, há vinte ou trinta anos, lá pelas grandes metrópoles sulinas: os novos que chegavam e os velhos que não queriam sair ou, ao menos, não queriam que eles chegassem. Os arraiais da “gerontocracia literária” estavam em polvorosa.

Eu também era novo e, também, estava chegando. Falaram-me do Clube. Achei original e cheio de significado o comportamento dos seus membros. Percebi que estava sendo construída alguma coisa para permanecer. Desde que me contaram pomenores sobre seus ideais, seus objetivos, acreditei no Clube.

Não é que me julgue um literato. Aliás, ninguém do Clube se julga tal, pelo menos, no sentido “tradicional” da palavra que significa, em termos de província, o sujeito que escreve umas linhazinhas, uns versinhos e já se julga o intocável, o maior escritor ou poeta do mundo inteiro. Em parte, por vontade pessoal. Por outra parte, levado pelos elogios fáceis dos bajuladores fáceis

que aparecem com muita facilidade. No Clube, ninguém pensa desta maneira. Não somos literatos. Somos aprendizes. Somos amantes da literatura. Capazes de recomeçar sempre, de rever sempre, de renovar sempre. Mas isto já é outra história. Ou é a mesma. O fato, é que eu sempre gostei muito de literatura e, em particular, de poesia. Isto já vem de longe. O Clube da Madrugada me atraía não somente por ser um centro cultural onde a literatura ocupava um lugar de relevo mas, ainda, por ser um centro de vanguarda, aqui, em Manaus. Era o novo espírito estético-literário do Brasil que fincava suas raízes em solo amazonense.

Em cinqüenta e cinco ou cinqüenta e seis, o Instituto Christus que, também, se propunha renovar na esfera do ensino, da pedagogia, já estava navegando de vento em popa. Eu era um habitué do Christus. Sobrava-me qualquer tempo livre e eu estava por lá. De preferência, à tarde: filava a merenda e batia um papinho.

Pois foi numa dessas tardes. Enquanto eu filava a merenda, alguém veio me dizer que um rapaz do Clube desejava falar comigo. Fui atendê-lo. Era o Jorge Tufic. Poeta. Se não estou esquecido foi o Bosco (hoje, dr. João Bosco Araújo – Psicólogo Clínico) quem fez as devidas apresentações. Tudo porém, informalmente. E, em pé mesmo, o Tufic explicou o motivo de vir à minha procura: o Clube estava atravessando uma crise. Houve desentendimento. Alguns membros se afastaram. Mas o Clube não podia soçobrar. Queria a minha cooperação. Não sabia que cooperação me seria possível oferecer. À noite, me falou o poeta, haveria uma reunião. Os sócios que não se afastaram compareceriam. Ele queria que eu comparecesse. Não titubeei: compareceria.

À noite, saímos o Pedro Santos, o Oscar Ramos Filho, o Bosco e eu, rumo à reunião que seria o reforço necessário para que o Clube não cessasse suas atividades. Fomos ao Pavilhão São Jorge. Ao Pina. Encontramos o Tufic na espera. Durante algum tempo, aguardamos a chegada dos outros. Ninguém apareceu. Então o Tufic sugeriu que fossemos até ao Teatro Amazonas que, talvez, eles estivessem por lá.

Parlando... parlando... chegamos ao Teatro Amazonas. Não havia viva-voz. Tudo escuro. Tudo apagado. Rodeamos o Teatro e sentamo-nos na escada dos fundos.

Ficamos conversando. A noite, correndo. Escoando. Sem que notássemos.

Não houve a tal reunião. Houve uma reunião de amigos, de inteligência, de sensibilidade. Esta foi a reunião que ficou.

O Clube superou galhardamente a crise. E, a partir daquela reunião que não houve eu fiquei até hoje no Clube.

Aliás, nós ficamos.

Devido sua exclusiva natureza funcional, o *Madrugada* não dispõe de registros ordenados. Suas memórias seguem narradas pelos *clubistas* ou pelos aficionados e arquivadas em notas jornalísticas. Todavia, há pelo menos uma obra publicada. Trata-se de um livro elaborado pelo ex-presidente Jorge Tufic (1984). Nele, apesar das inúmeras anotações bem dispostas, não me foi possível desvendar o lançamento de *Aparição do Clown* (1958), de L. Ruas. Consultei os jornais da época. Nada. Continuo achando estranha essa desinformação. Afinal, o poema brilhou, consoante os críticos e os leitores surpreendidos pela temática e a amplitude empregada. Seu primeiro livro – sua obra-prima – marcou o autor que, com determinação, gerou uma marcante obra na literatura amazonense. Apreciado pelos conhecedores, ainda assim não conseguiu exposição nos jornais. O poeta L. Ruas presidia o *Madrugada* e seguia colaborando com *A Crítica*, portanto, permanecia na mídia. É preciso ousar. Julgo se tratar de

um auto-retrato, pois o padre Ruas por sua índole introspectiva e, apesar de comprovado bom ator (*Auto da Compadecida*), preferia as coxias. Há relatos de que sempre relutou em aceitar merecidos aplausos.

*Sou um vulto que desliza
Pelas pontes, pelas ruas...
Sob portas e janelas...
Pelas cansadas ladeiras
Que sobem... que sobem sempre.
Sou um vulto que se esconde.*

Assim sua melhor poesia permaneceu por décadas deslembada na margem esquerda do rio Negro.

Em plena comemoração do cinquentenário do *Madrugada*, ainda se debate a visão dos *clubistas* acerca da Academia Amazonense de Letras. Entusiasta de primeira hora, com já confessou acima, o autor de *Aparição do Clown*, qual porta-voz do grupo, expressou sua opinião sobre este choque cultural escrevendo *O que os novos querem* (A CRÍTICA, 21.01.1958).

A primeira impressão oferecida por essas tentativas de discussão entre Acadêmicos, isto é, membros da academia, e não-Acadêmicos é a de um problema que está sendo mal apresentado. Particularmente quando se tratar do nosso problema.

Não há nos jovens literatos do Amazonas um desejo revolucionário. Pelo menos não encontramos, em tudo o que se tem feito, algo que nos possa conduzir a esta conclusão. A revolução que existe já foi feita há muito tempo. No máximo, estariam aproveitando os efeitos da revolução.

Não é possível também ver nas atitudes dos *novos* uma guerra sistemática e estúpida à Academia Amazonense de Letras, pelo simples fato de ser uma Academia Amazonense de Letras. Isto seria negar um direito de associação graças a Deus, vigente em nossa Constituição.

Não se trata ainda de negar o valor da tradição nacional ou internacional. Isso é tese muito primária. Negá-la seria dar o maior atestado de burrice. Seria desmerecer *ipso facto* do nome de literato, intelectual ou de qualquer um desses nomes com os quais são chamados geralmente aqueles que se dedicam ao estudo das letras, das ciências ou a qualquer um dos gêneros da arte.

E então? O que é mesmo que estes jovens estão querendo?

De início quero advertir que não fui incumbido por nenhum deles para falar em seu nome. Nem em nome de qualquer entidade que exista neste campo. O que vai aqui ficar dito são meras observações colhidas despreziosamente de artigos publicados em jornais e revistas, de conversas e discussões. E está claro também que nem tudo será dito mas somente aquilo que é possível se dizer num limitado espaço como este ao qual estou circunscrito.

Em primeiro lugar o problema da revolução. Não há revolução. O movimento mais arrojado que está fazendo no Brasil, atualmente, é o concretismo. O que é concretismo? Desafio os moços e os velhos a me darem uma resposta exata do que é isso. Quanto aos moços posso garantir que não há nenhum entre eles que seja tão presunçoso a aceitar o desafio. Ninguém aqui em Manas sabe o que é concretismo. Eu também não sei. Já li alguma coisa em suplementos literários mas isso absolutamente não me autoriza a proclamar minha ciência no assunto. Pois o que o resultado

de uma dúzia de anos de estudos feitos por gente que já estudava antes e seriamente, não pode ser resumido e dito numa dúzia de artigos. Além do mais o concretismo é uma experiência e não uma escola. Então qual é a revolução? Por favor não me venham falar de Modernismo. Isso já acabou há muito tempo. É até vergonhoso ainda existir alguém que se preocupe com Modernismo.

E a Academia? Ah! A Academia! Creio que os *novos* gostariam de dizer o seguinte à Academia:

Nós, os *novos*, estamos muito zangados com a senhora. A senhora é muito usurária. Juntou muita coisa para si e pouquíssimo distribuiu para os outros. E além do mais é muito pretensiosa. Vaidosa e orgulhosa. Nada centrífuga. Totalmente centrípeta. É verdade que a senhora tem jóias de valor. Algumas ainda precisavam ser um pouco mais trabalhadas. Mas, paciência. Não é verdade, porém, que a senhora exagera um pouco? E que nem todas as jóias que a senhora diz possuir são jóias autênticas? Não é verdade que algumas delas não passa de meras fantasias adquiridas a custo de pouco dinheiro?.

E o que responderia a Academia depois das amostras que expõe de vez em quando?

Não. Ninguém despreza a tradição. Que néscio há de negar o valor de um Homero, de um Virgílio, de um Dante, de um Camões, de um Vieira? Isso é recuar demais o problema que é bem outro. O que se quer saber é se é feito em nome de uma falsa tradição fazer uma pseudoliteratura com chaves, chavões, fórmulas, formas e impingir-se isso ao público à força de uma utópica autoridade. O que se quer é falar a realidade. Isto é dar valor àquilo que tem valor. Dizer que está errado aquilo que está errado. Dizer que não sabe escrever o fulano que não sabe mesmo escrever, embora se paramente com fardões e títulos. Discutir problemas de igual para igual.

Ainda ontem, quero dizer, no *O Jornal* de domingo passado, li um artigo do prof. Felix Valois Coelho. Compreendi a boa vontade do venerando professor. E creio que ele colocou o problema justamente quando dizia ser inexistente o problema. Justamente o que se deseja [não] é um confronto. Uma revisão, talvez. Uma revisão de valores. Uma revisão de comportamento. Uma revisão de mentalidade. E, por uma questão de estrutura, digamos, de filosofia consciente ou inconscientemente vivida, não é possível uma harmonização. Se quisermos é possível somente uma discussão livre e séria. Discussão no campo verdadeiro da literatura: na produção literária em seus mais variados aspectos.

Fora da presidência do *Madrugada*, L. Ruas juntou-se aos editores do *Suplemento* que circulava aos domingos encartado em *O Jornal*. Constituiu-se uma valiosa contribuição às letras amazônicas, apenas isso reclama seu resgate dos arquivos para *a felicidade geral da nação*. Durante anos, colaborou com sucesso. Ali encontrei a maior parte de sua contribuição literária. Ali pude escavar para dar publicidade as pérolas produzidas e, com ajudas superiores, vêm permitindo *reconstruir o sempiterno down*, que foi L. Ruas.

12

Academia Amazonense de Letras. O literato L. Ruas não pertenceu à Academia Amazonense de Letras. Candidatou-se uma única vez, em 1971, mas não obteve sucesso por não ter alcançado quorum, conforme divulga noticioso desta entidade. Apenas consigno este fato pela repercussão ocasionada no seio literário e político da cidade. Neste especialmente, propagado pelo discurso contundente do então senador Fábio Lucena. Para melhor compreensão, reproduzo três documentos: os dois primeiros concernentes à processualística acadêmica e o terceiro, ao verbo do saudoso senador.

O primeiro, datado de 18 de agosto, transcreve o Parecer da Comissão, firmado pelos *imortais* Waldemar Batista de Salles e Moacir Souza Alves (O JORNAL, 30.10.1971).

O Escritor LUIZ AUGUSTO DE LIMA RUAS em expediente dirigido ao Exmo. Dr. Djalma Batista, DD. Presidente da Academia Amazonense de Letras, datado de 5 de julho último, solicitou a inscrição de seu nome como candidato — cadeira vaga — anteriormente ocupada pelo saudoso poeta Sebastião Norões.

O citado intelectual remeteu duas obras já publicadas — *Aparição do Clown* (poesia) e *Linha d'Água* (crônicas) e uma inédita — *Poemeu* (poesia) e seu Curriculum Vitae.

O candidato em referência é professor de Francês e Filosofia, registrado na Diretoria do Ensino Secundário do Ministério da Educação e Cultura, sob o nº 41.923.

O seu Curriculum Vitae demonstra suas atividades no Magistério Superior e o exercício de inúmeros cargos de relevo, no Amazonas.

Pertence a duas entidades culturais: membro do Clube da Madrugada e da União Brasileira de Escritores.

Possui inúmeros trabalhos publicados em jornais e revistas, nesta cidade.

Participou de vários Simpósios e tem conceito nos meios intelectuais amazonenses.

A linguagem de seus trabalhos é cuidada, revela bonito estilo e assim merece o seu nome ser submetido à alta consideração dos ilustres confrades desta Academia.

Em decorrência do juízo favorável, o escritor L. Ruas teve seu nome submetido ao sufrágio dos acadêmicos, entretanto não obteve o número mínimo para ser acolhido na Casa de Péricles Moraes. O *Suplemento* editado pela Academia (O JORNAL, 28.10.1971), em sutil descrição, estampa

O QUE HOVE NA REUNIÃO PLENÁRIA DA ACADEMIA – Reuniu a 20 de novembro último, o plenário da Academia tratando do seguinte:

[...] d) Na eleição para a cadeira Raimundo Monteiro, o candidato L. Ruas não obteve os 16 votos

requeridos, nos três escrutínios procedidos. A poltrona continua vaga.

Contra esta recusa, em cenáculo de *imortais*, voltou-se um representante amazonense no Senado. Em A CRÍTICA DE FABIO LUCENA (A CRÍTICA, 03.02.1972), o colunista censurou essa *Imortalidade*:

Durante sucessivas convocações, a Academia Amazonense de Letras não conseguiu reunir quorum para apreciar a inscrição do escritor Padre Luiz Augusto de Lima Ruas a uma das cadeiras daquele sodalício.

Alguns dos senhores imortais são favoráveis ao ingresso do pretendente, mas foram vencidos pela deliberada omissão dos demais.

Não assisti a nenhuma daquelas convocações, eis que sou o mais imortal entre os mortais. Em compensação, todavia, a Academia também não assistiu às sucessivas convocações para a eleição de Balzac à Academia Francesa. Permitam-me, por conseguinte, os senhores imortais que lhes forneça uma simples minúcia (não ouse tocar no galicismo detalhe, de vez que é sacrilégio contra o vernáculo) daquelas convocações na primeira metade do século passado: Balzac foi sucessivamente recusado. O máximo que obteve foi dois votos.

Já que prestei uma informação à Academia Amazonense, cobro dos senhores imortais uma contraprestação: quem foi que concorreu com Balzac, e o venceu?

Pois o eminente senhor Péricles Morais, ex-presidente vitalício da Academia, fez, certa vez — e quem o disse foi o ministro Jarbas Passarinho, na sede da própria Academia —, a sua concessão à pusilanimidade: escreveu um livro, *Os Intérpretes da Amazônia*, com o deliberado propósito de omitir o nome de um de seus desafetos pessoais: o escritor Raimundo Moraes.

O que o sr. Péricles Morais, de saudosa memória, não esperou existir, apanhou-o desprevenido: a História transformou Raimundo Moraes num gigante, num dos maiores *Intérpretes da Amazônia*, enquanto tratou, sem pedir auxílio a ninguém, de promover o rápido e imediato esquecimento do imortal que pretendia, com um livro, que a História esquecesse a um homem autêntico como o foi o sr. Raimundo Moraes.

Conhecido em todo o País, Raimundo Moraes é, hoje, um patrimônio nacional, traduzido, inclusive, para idiomas estrangeiros, tamanha a importância de sua obra sobre a Amazônia.

E, fora dos salões da Academia, ninguém sabe quem foi, com exceção de seus contemporâneos ainda vivos, o eminente senhor Péricles Morais.

E assim o foi: um intelectual com dimensão do padre Luiz Ruas respeitado em todos os círculos literários do nosso Estado, foi recusado pela Academia.

Mas um ex-chefe de polícia, que concorreu ao sodalício, segundo consta, com as portarias por ele assinadas e afixadas no corredor da polícia, foi acolhido — e muito bem.

Informo ainda à Academia que, no ano de 1941, em plena ditadura, a Academia Brasileira elegeu o ditador para seus quadros, fazendo com que aquele que é um dos maiores poetas brasileiros, Manuel Bandeira, retirasse a sua inscrição porque perderia, conforme declarou, para o sr. Getúlio Vargas. Só na eleição seguinte é que Bandeira compareceu.

Coisas de Academia!

Ou melhor: coisas de necrotério — e, como neste, com a honrosa exceção de alguns vivos que por lá passam.

13

Movimento Cinematográfico e Teatral. O movimento cinematográfico e teatral em Manaus vem sendo enfocado por vários estudiosos. Supri-me dessas publicações para o relato deste tópico. Vale observar que, quando o clérigo Ruas chegou em Manaus (final de 1953), depois de dois anos no Rio, já trazia conhecimentos básicos da *Sétima Arte*. A permanência no seminário do Rio Comprido propiciou-lhe um envolvimento com a vida cultural da capital federal. Assim, já sacerdote, atendeu a qualquer convocação de cineclubes de Manaus. Nestes, a presença do padre Ruas era constante. Por isso, pode-se afirmar que ele teve competência para aprofundar o movimento cinematográfico de Manaus, cidade que ultrapassou a ousadia de patrocinar o I Festival Norte de Cinema (1969). O instrumentador deste encontro foi o jornalista Joaquim Marinho que, hoje atuante em todos os segmentos da mídia, era então diretor do DEPRO. O padre Ruas foi um dos membros da Comissão Julgadora.

Há dele outra averbação favorável. A participação no I Festival de Cinema Amador do Amazonas, realizado entre 17 e 23 de novembro de 1966. O encontro objetivava incrementar as atividades cinematográficas entre nós (O JORNAL, 21.11.66). Além de J. Borges Filmes, A Crítica, o Clube da Madrugada e a Rádio Rio Mar patrocinaram o evento. O encerramento ocorreu no cine Avenida e indicou como vencedor o curta *Carniça*, de Normandy Litaiff e Aloísio Sampaio. Na comissão julgadora, pelos críticos cinematográficos, José Gaspar e o padre Luiz Ruas, que ainda fez a apresentação da festa de encerramento.

O sucesso na ribalta ocorreria no ano de 1959, quando participou da peça *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, encenada no Teatro Amazonas. No *Auto*, o ator L. Ruas representou com competência o palhaço do espetáculo. Contou-me muito depois o dr. Gebes Medeiros, diretor do TEAA, que o padre Ruas para atuar na ribalta necessitou de autorização do Vaticano. Como se vê o palhaço (clown) se incorporava à vida literária do sacerdote. E foi, a partir desta produção, que se concretizou a criação do Teatro Escola Amazonense de Amadores (TEAA).

Desde o ano de 1960 se têm notícias de suas palestras sobre cinema, a exemplo de quando foi instalado o cineclube Comerciário no Sesc-Senac (JORNAL DO COMMERCIO, 06.03.1960). Na programação, palestra do padre Ruas. Esta arte o fascinava, por isso sua atuação seja como palestrante seja como simples integrante de cineclubes (Grupo de Estudos Cinematográficos (GEC); do Colégio Dom Bosco e outros) será sempre marcante. Outro pormenor de sua aptidão acentuou-se ao escrever sobre cinema tanto na *Ronda dos Fatos* (1957-58) quanto, aqui especialmente, no *Cinéfilo*. Como indica seu título, trata-se de uma revista produzida, em Manaus, sobre a arte cinematográfica. E funcionou no limite escasso de quatro edições, pois foi encerrada pela censura militar de 1964, rememora seu diretor — José Gaspar, ainda professor do Centro de Artes da Universidade Federal do Amazonas.

No campo do teatro, padre Luiz Ruas possui dois momentos cimeiros: a participação no *Auto da Compadecida* (1959), interpretando o *palhaço*, e a direção do *Auto da Paixão* (1963). Registra Selda Valle (2001) que o cenário *da Compadecida* era de um circo. Tudo bem, até porque estimulado pelo autor. “No alto do trapézio, balançando-se, o palhaço-apresentador anuncia os personagens e o conteúdo da história que o público irá assistir”. Aqui começam os transtornos, pois o palhaço era interpretado pelo padre Luiz Ruas. Tem mais. “A presença no palco de dois padres da Igreja Católica criou uma enorme celeuma, como era de se esperar naqueles tempos. [...], era muito diferente ver um padre de palhaço, pendurado num trapézio, balançando-se de um lado a outro do palco. Um escândalo!”.

Ainda vivo em nossos dias, o padre Juarez Maia interferiu naquele momento tentando amenizar os estragos. Deu entrevista em nome “da Santa Madre Igreja” e, diante da doação financeira do Teatro Escola, a presença dos padres-atores (Luiz Ruas e Onias Bento) pareceu sanada. Mas assegura Selda, que “padre Ruas teve que garantir sua participação com a autorização por escrito do Vaticano, que chegou a tempo da estréia”.

Um espectador da estréia – Ediney Azancoth, parceiro na obra *Cenário de Memórias*, avalia o “Deus-nos-acuda” que foi a ocupação “do enorme palco do Teatro Amazonas”. Reconhece que o Teatro Escola foi aprovado. Todavia, diante da indagação do motivo do sucesso, atribui-se muito ao diretor – o paulista Luis Watson. Mas para Azancoth, “atribuir o sucesso da peça exclusivamente à presença de alguém de fora é negar o valor do trabalho do elenco local. Há o esforço homérico de Gebes Medeiros, coordenando o grupo, e a presença de dois intelectuais que fizeram história na cultura amazonense: o maestro Nivaldo Santiago, diretor musical da peça, e o padre Ruas, filósofo, professor e profundo conhecedor de cinema,

exercendo a crítica em jornais da cidade”. Não houve outra participação do padre Luiz Ruas, mas tanto o TEAA quanto o palhaço (*clown*) saíram consagrados.

Na Semana Santa de 1963, a Rádio Rio Mar promoveu o *Auto da Paixão*. Coube ao padre Ruas escrever o texto e dirigir a montagem da peça, que foi encenada no Parque Amazonense (abandonado estádio de futebol no Beco do Macedo). A emissora, adquirida pela arquidiocese no ano anterior, era dirigida pelo padre Tiago de Souza Braz (1931-1997). Para a montagem do *Auto*, contou ainda com a dedicação do então padre Onias Bento, pároco do bairro de São Francisco, que se encarregou de “selecionar” os coadjuvantes entre seus paroquianos. Os ensaios aconteceram no pátio do Seminário São José.

Entrevistei (julho de 2004) duas figuras primordiais deste espetáculo de fé. Um, o professor Carlos Eduardo Gonçalves que protagonizou o Cristo. Jovem bem-apessoado fazia suspirar as penitentes de todas as idades. Não sabia — desconversa, se elas gemiam pelo enlevo da encenação ou pelo visual do ator amador. Outro foi Edson Paiva, do *cast* da Rádio Rio Mar. Apresentador do programa *Essa noite feliz de todos nós*, nas noites de sábado desde as vinte horas até o encerramento da emissora à meia-noite. Jovem educado, dotado de elegante e bem composta voz fazia, por essas e outras qualidades, a voz do Cristo. Havia também o narrador do espetáculo, mas sua identidade se perdeu na memória do tempo.

Gebes Medeiros, em sua coluna *Theatro* (O JORNAL, 07.04.1963), assim noticiou e convocou a grei católica para a representação.

AUTO DA PAIXÃO DE CRISTO

Cresceu e frutificou a idéia de padre Onias Bento Filho e reverendo Tiago Braz, no sentido de montar o AUTO DA PAIXÃO DE CRISTO em ar livre, tendo como palco ambiente o Parque Amazonense. A representação teatral que está sendo cuidadosamente preparada pelos referidos sacerdotes, tem como diretor artístico o padre Luiz Ruas certamente obterá o êxito esperado, tal o carinho e zelo que envolve essa festa cultural baseada no texto bíblico.

Assistimos dois ensaios no Seminário São José e pelo que observamos o público vai gostar do espetáculo, tal a movimentação dos personagens que trabalharão na base do teatro mímico, um dos mais difíceis do gênero.

A parte narrativa será interpretada por dois ótimos locutores da Rádio Rio Mar. Mais de setenta pessoas, moças e rapazes, tomarão parte no *Auto*, todos vestidos a caráter, nos dando uma impressão nítida de que foi a cena real no Monte Horeb, local aliás muito discutido pelos teólogos que divergem em longas polemicas.

A renda do espetáculo reverterá em prol das obras sociais do nosso Seminário, hoje tão bem dirigido pelas figuras virtuosas dos padres Jorge Normando e Juarez Moura Maia, expoentes do nosso clero.

Louvamos desta coluna a promoção de Onias, Tiago e Ruas, mostrando a nossa gente que a Igreja também ama a arte cênica, pois nela caracteriza-se a força cultural de um povo.

Resta comparecermos a arena do Parque Amazonense, colaborando com o trabalho insano que

os nossos sacerdotes ativam para a noitada de hoje.
É dever de todos os católicos assistirem o AUTO DA PAIXÃO DE CRISTO.

O *Auto* foi encenado na quinta-feira Santa e no domingo de Páscoa, dias 7 e 10 de abril. E apenas nesse ano. Deixou de se realizar no seguinte, entre outros empecilhos, em razão de padre Ruas ter passado a Semana Santa encarcerado. O *governo dos generais* controlava o país (abril de 1964) e impusera um relativo controle (censura) à emissora radiofônica católica. Havia ainda restrição quanto à concentração de pessoas. Tudo isso contribuiu para o encerramento dessa atividade cênica que, se tivesse prosperado, traria como tem trazido para outras regiões brasileiras apreciáveis benefícios. Cabe, todavia, registrar este *Auto da Paixão* como a primeira apresentação deste tipo de espetáculo no Brasil, porquanto o de Nova Jerusalém/PE, o mais conhecido, data de 1968.

Para consolidar o *Auto*, registro algumas curiosidades: o Cristo necessitava de um jumento para reproduzir a entrada triunfal em Jerusalém. O animal foi alcançado no bairro de São Francisco, mas o dono teria que conduzi-lo, pois, do contrário, o Cristo não montaria. Outra, *fora do escrito* o Cristo desabou da cruz, ou seja, caiu mesmo por excesso de amorismo da montagem. As espectadoras igualmente sentiram. Enfim, um senhor da comunidade *sãofranciscana* — como sempre, baixo e calvo — foi escolhido para representar São José. Em um dia de ensaio, instruído pelo padre Onias para que chorasse em determinada cena, não se fez de rogado. Chorou mesmo. À vontade. Quando aquele sacerdote o advertiu de que estava ainda ensaiando, o *São José* confessou estar chorando de emoção pela escolha. Vale relembrar que o *Auto da Paixão* pernambucano teve início com atores do povo, a cada ano, porém, a emissora *global* impõe um Cristo altamente globalizado, para maior audiência.

14

Movimento Militar de 1964. A revolução (ou outra qualquer denominação que se queira registrar) militar de 1964 impôs ao padre Ruas a desventura do cárcere. Foram, contados, 40 dias (tanto quanto durou o jejum de Jesus no deserto) ao lado de outros companheiros

intelectuais e políticos. Entre mitos e mistérios deste contexto, um pelo menos assumiu foros de veracidade: o recluso aproveitou o tempo morto para traduzir as *Obras Completas* de Rimbaud ou apenas o poema *Une Saison en Enfer* (Uma estadia no inferno). Que a obra chegou às suas mãos pelas mãos de dona Emilia, é verdadeiro. Elson Farias, um convicto propagandista deste episódio, relatou-me o fato e me estimulou à investigação. Que se alcançasse a biblioteca de L. Ruas, talvez em meio aos livros se pudesse encontrar a aludida redação, visto que ele sempre datilografava seus textos, e uma tradução não poderia dispensar um texto. Dispus-me à luta. Logo descobri que a biblioteca pessoal do padre Ruas estava a salvo da fogueira dos *sebos* pela intervenção do padre Luiz Gonzaga de Souza, que a recolheu ao Seminário São José agora funcionando em terreno da Maromba. Lá, fui atendido pelo Reitor que me assegurou a doação, mas que os livros haviam sido integrados à biblioteca ali existente, denominada dom Helder Câmara. E mais, devido aos reparos na sala, os livros todos, empilhados, aguardavam ordenamento. Ainda quando finalizava este trabalho as obras não tinham sido catalogadas, razão pela qual o mistério segue desafiando.

Descontente com esse encaminhamento, busquei a opinião dos companheiros reclusos em 1964. Conversei (junho 2004) com o Arlindo Porto (jornalista, deputado estadual cassado pela Assembléia Legislativa, caso único no Brasil. Hoje, conselheiro aposentado do Tribunal de Contas do Estado (TCE), e membro de entidades culturais) sobre a tradução. Lembrou-se de que de fato o padre Ruas recebera de sua genitora um bom número de livros. Que o sacerdote passou quase todo o tempo disponível lendo os tais livros, sem que se recorde de qualquer título. Recordou enfim que não viu o padre Ruas fazer longos apontamentos, que permitisse supor a tal tradução. Amazonino Mendes (até outubro de 2004), outro companheiro do infortúnio, não pode ser alcançado devido a campanha política em que estava envolvido. Um dia, dirá...

Não possuo motivos ou argumentos para duvidar do enunciado. Mas, como não há texto não há tradução. Aventuro-me a concluir que padre Ruas apenas efetuou anotações sobre Arthur Rimbaud e sua obra, com interesse ou não de transformar em publicação que, três anos depois, veio suceder. Em *O Jornal* (25 de junho e 1º de julho de 1967), sobre este ícone da poesia francesa, L. Ruas escreveu dois longos artigos intitulados *A Revolução de Rimbaud*. E mais, em 1970, sobre o mesmo tema procedeu a uma palestra no auditório Alberto Rangel, então situado na Biblioteca Pública. De toda maneira, a busca não cessou, queira Deus possamos encontrar a tradução e assim consolidar a informação postada, entre outros pontos,

no livro *Poemeu* (1985).

15

Seus Livros. *Feliz 1958! O ano que não devia terminar.* O período no Brasil fora tão harmonioso que parecia não ter fim. Trouxera para o país uma série de grandiosos êxitos e conseqüentes grandiosas recordações. O tema não me pertence, pertence ao Joaquim Ferreira dos Santos (Ed. Record) que “conta a delícia de ser brasileiro naquele final sorridente dos anos 1950”, propaga seu exclusivo *site* (referências). Em Manaus, no final do primeiro governo trabalhista de Plínio Ramos Coelho (1955-59), o clima apontava para memoráveis colheitas. Quanto ao padre Ruas, que nos interessa mais de perto, cuidava de sua paróquia. Desempenhava com competência o magistério. E desenvolvia com sucesso o jornalismo e a literatura.

Naquele faustoso período ocorreu o lançamento de *Aparição do Clown*, trabalho da editora Sérgio Cardoso. Afora a competente “Interpretação do clown”, de André Araújo, pouco ou quase nada se disse (ou não esbarrei) na imprensa, sequer o local ou a data do lançamento se conhece. Uma indicação provém do *clubista* Jorge Tufic, citada em sua coluna Cultura e Arte (JORNAL DO COMMERCIO, 13.04.1958). Nela, o colunista informa que o próximo lançamento das Edições Madrugada seria *Aparição do Clown*. Outra, a datação do prefácio, de agosto de 1958. Certamente a modéstia ou a introspecção de L. Ruas concorreu para tanto. Certeza mesmo é que houve um sumiço do *clown* (livro), que embarcou em longa viagem (*o mar é muito vasto e fera enraivecida*) de quatro décadas que se encerrou com a reedição promovida pela *Valer* (Coleção *Resgate*) em 1998. Na ocasião, o organizador Tenório Telles salientou:

O poeta L. Ruas marca sua estréia literária com a publicação, em 1958, de uma das obras mais importantes da literatura amazonense. Trata-se de *Aparição do clown*, um inquietante livro de poesia. Sim, de poesia, pois trata-se de um único poema, desdobrado em várias seqüências. Aliás, as várias seqüências do poema são a chave para a sua compreensão.

Outro amazonense preocupado com a poética de L. Ruas, especialmente de “seu primeiro e

mais importante livro”, é Rogel Samuel. Escrevendo para a revista Leituras da Amazônia (1998-99), Rogel em *Pássaro em vôo* compartilha a opinião de que L. Ruas “foi um dos maiores poetas deste Brasil e um dos mais desconhecidos”. E para corrigir este esquecimento creio, tanto L. Ruas quanto seu extraordinário poema, já podem ser acessados pelos internautas no *site* deste crítico (referências).

A segunda obra de L. Ruas é *Linha d'Água* (1970). Livro de crônicas, das crônicas publicadas em sua maioria no jornal *A Crítica*, ao tempo de *Ronda dos Fatos*. A edição financiada pelo Plano Nacional de Cultura coube à Fundação Cultural do Amazonas. O prefaciador — Luiz de Miranda Corrêa — assegura que “L. Ruas é um escritor de talento. É um *caseur* de talento. É uma vida irrequieta e cheia de vontade de criar”.

Como auréola, também este compêndio guarda sua peripécia. Quem a descreve é o poeta Elson Farias (O JORNAL, 15.02.1970), “ao expressar um pensamento sobre este livro de L. Ruas”, razão pela qual o denomina de “livro legendário”.

Há mais de cinco anos que estavam os seus originais, datilografados e revistos pelo autor, prontos para a oficina. E, quase esse mesmo tempo, anunciado. Depois, por iniciativa de amigos do autor, aqueles originais foram retirados do repositório destino de muitas obras de escritor da província, a gaveta, e encaminhados à Comissão Editorial do Conselho Estadual de Cultura, cumprindo os trâmites estabelecidos pelo Governo do Estado, na sua programação editorial. Lido pela comissão, aprovado pelo plenário do Conselho, o livro foi encaminhado à gráfica, aquele tempo, cerca de dois anos atrás, a Editora Gráfica Record da Guanabara, com quem a FCA firmara convênio no intuito de divulgar, em termos nacionais, os livros por ela (FCA) editados. Desfeito o convênio, pelas dificuldades naturais de uma primeira experiência sem nenhum livro editado, a FCA estabeleceu acordo com outra editora, a Artenova, com a mesma intenção. Quando da transferência do material do escritório da Record para o da Artenova, material que constituía os inéditos programados, faltaram, exatamente, os originais de *Linha d'Água*. Decepção de todos, amigos e autor.

Porém, por obra desses mesmos amigos foram recuperados aqueles originais e mandados rodar. E, agora, passados cinco anos, o livro está pronto, pronto para cumprir o seu destino verdadeiro, que é o da inteligência e do sentimento do leitor, da sensibilidade, do interesse humano, do senso crítico, do intercâmbio social, qualidades humanas e atributos que se desenvolvem por intermédio desse instrumento ideal por excelência, que é o livro.

Em *O Jornal* (10.05.1970), duas anotações distintas referem-se ao L. Ruas. Uma, do padre Nonato Pinheiro comentando o aparecimento de *Linha d'Água*, cujo texto já foi referido e exposto no curso deste trabalho. A outra, vulgariza o Relatório do IV Festival da Cultura premiando na categoria de poesia o volume *Poemen*. Este documento será exposto quando se apresentar o quarto trabalho.

Outro crítico local analisa o livro de crônicas. Waldemar Batista de Salles (O JORNAL, 14.06. 1970), na coluna intitulada *Dois Livros*, comenta *Linha d'Água*. “Livro de crônicas, bem feito, cuidado”. E sobre o autor?

O autor, L. Ruas, intelectual de grandes recursos forrado de cultura humanística, escreve com desembaraço, ([..])

O cronista L. Ruas, integrante do Clube da Madrugada, possui um estilo limpo, preciso e claro.

O livro *Linha d'Água*, enfeixando trabalhos os mais diversos, serviu para reafirmar seu talento criador, já conhecido por nós, nas páginas dos jornais e revistas de Manaus.

Tem uma visão ampla do mundo atual, do papel importante que a mocidade deve desenvolver na sociedade, fazendo exortações bastante significativas aos moços, afirmando que escreve para eles, de todas as idades. E afirma: “a primeira palavra que vos tenho a dizer, moços, é de estímulo. Não temais a luta. Ela é sinal de vida, é indício de que pode haver reação, é uma afirmação de que nem tudo está perdido”.

Quase um decênio depois, seu compadre, o poeta Jorge Tufic alinhavou em *Um livro de crônicas* (O JORNAL, 15.01.1979) cavalheirosa consideração sobre o livro de crônicas (permeado de poesias) de L. Ruas.

Se bem me lembro, foi Thiago de Mello quem definiu os papagaios de papel como um prolongamento da criança ao infinito. Em sentido contrário, voltada ao cotidiano e ao coloquial, a crônica adquire essa mesma dimensão, quando exercida pelo poeta. É o caso de *Linha d'Água*, de L. Ruas, editado há alguns anos em Manaus, mediante parecer do Conselho Estadual de Cultura, de todo favorável. Fazendo a releitura de suas páginas, quantas descobertas novas tropeçam na lâmina do tempo! Inclusive alguns tópicos do aludido parecer, que nunca chegou a ser divulgado. [...]

Sente-se em L. Ruas a tenacidade de espírito ansioso por alargar as fronteiras de nossa província, humanizá-la culturalmente no trato com as idéias das mais altas inteligências de todos os tempos e países, que ele aproxima dos leitores como se já fossem velhas conhecidas nossas. Suas leituras de Saint-Exupéry nos ajudam a reler e meditar sobre o verdadeiro sentido da amizade. As palavras de Cristo se fazem presentes em qualquer trecho do volume, crepitam nos assuntos mais graves e aparentemente corriqueiros, evocam, nas piores circunstâncias em que o homem se vê lançado pela adversidade, a centelha da fé que nenhum poder transitório consegue mudar em cúmplice da injustiça... Um sopro constante de poesia enlaça o raciocínio do filósofo, que nos transporta à Grécia de Alceu com a mesma facilidade como faz jorrar das áridas paisagens de uma aldeia destruída pela bomba, aquela certeza de que o mito de Sísifo pode, a qualquer momento, renascer das cinzas.

Tudo bem, mas quando e onde foi lançada a segunda produção de L. Ruas? Igualmente não encontrei referências, devo reconhecer quanta incompetência!

A terceira produção literária, um livro de ensaios intitulado — *Os graus do poético*, abrilhantou a comemoração das bodas de prata da Rádio Rio Mar (1979). O livro, como consagra o autor,

“é um gesto de amizade aos que sempre lutaram para fazer literatura em Manaus”. O padre Tiago Braz, diretor-superintendente da emissora, assinala que “estamos lançando, com este volume, as Edições Rádio Rio Mar. Trata-se de uma experiência, mas que esperamos torná-la definitiva, em futuro breve, como forma de contribuir para o desenvolvimento de nossa cultura e divulgação dos escritores amazonenses”.

Não obstante o entusiasmo o empreendimento fracassou, pois apenas se conhece outro volume das edições *riomarinhas* — *O Tocador de Charamela*, de Erasmo Linhares, como antes assinalado, outro funcionário da emissora.

Ainda bem que se inaugurou a sonhada série com autores idôneos, que produziram obras de requisitos, apesar de confinadas em bibliotecas pessoais. De outra maneira, é lamentável que a revisão do trabalho realizado pela Imprensa Oficial, sempre deficiente neste campo, tenha embaralhado o capítulo sobre *Euclides e Guimarães Rosa – três paralelos* (pp. 41-54). Este ensaio, tresp dobrado, havia sido publicado em *O Jornal* (02 a 19.11.1967)

O prefaciador — professor Carlos Eduardo Gonçalves — aprecia:

A capacidade e o potencial criador de L. Ruas poderiam ter-nos dado uma obra bem maior, não fosse o acanhamento da província, distante dos grandes centros, que restringe e sufoca o escritor, confinado nos estreitos limites de sua comunidade e desconhecido fora desses limites. Com certeza, em outras condições, a inteligência brilhante de L. Ruas teria sido estimulada a maior produção. De qualquer forma, as duas obras dadas a lúmen são suficientes para fazerem brilhar o nome de seu autor.

No presente trabalho, L. Ruas apresenta outra faceta de sua polivalente capacidade criadora: o analista. Em sua humildade intelectual intitula seus trabalhos de “impressão de leitura”, mesmo aqueles que têm a textura e o vigor do ensaio. [...]

O conjunto de trabalhos que L. Ruas nos oferece agora tem um especial interesse para o leitor que pode assim revisitar a literatura, redescobrando sua riqueza e, por isso, sua beleza.

Enfim, o quarto livro. De 1985 é *Poemeu* ou *o (meu) sentir dos outros*, premiado pelo governo do Estado. Mas antes de relatar a saga deste livro, de que também é possuidor, reproduzo parte do voto emitido pela comissão julgadora (O JORNAL, 10.05.1970).

POESIA

TÍTULO: *POEMEU*, dividido em quatro partes: Pórtico, Estudos Barrocos e Tom Menor, O Meu Sentir dos Outros e Sonetos Autobiográficos.

AUTOR: Luiz Augusto de Lima Ruas (pseudônimo: Calvero).

APRECIACÃO: Autor seguro dos seus múltiplos recursos técnicos, participantes de uma linguagem que explora ao vivo os domínios do inconsciente poético, iluminados por um clarão de ternura capaz de transformar os seres, as coisas e os objetos em matéria de um só conteúdo anímico e vital, o sr. Calvero (pseudônimo de Luis Augusto de Lima Ruas) dá-nos a idéia nítida do grande poeta que é, alto e maduro no descortínio de suas metas voltadas sempre para um melhor aproveitamento da palavra, como substância básica do poema. [...]

Comentando *Invenção de Orfeu*, escreve o crítico Carlos Dante de Moraes: “Na poesia moderna, há que distinguir duas amplas correntes estéticas e emocionais. Uma delas prossegue num leito secular: a poesia se transmite ao leitor, em generosa comunicação, despertando emoções que estariam nele em estado latente, ou revelando estados de alma, projetados nas coisas, que não exigem nenhuma preparação especial. A outra, mais recente e sobretudo mais complexa, descrevendo uma curva caprichosa, de Rimbaud aos supra-realistas, compreende uma busca, tantas vezes exasperada, de sentidos, signos e direções que as palavras e as coisas só nos podem entremostrar de maneira oblíqua ou indireta. Na primeira se enquadra a poesia confessional, que será de todas as horas. Já a última, poesia de certas horas, requer um afinamento da sensibilidade que só se adquire através do conhecimento e da tensão intelectual. É escusado dizer que, entre essas tendências extremas, podem verificar-se compromissos”, combinações ou meio-termo”. Como Jorge de Lima, que dele parece ter recebido uma influência ampla e benéfica, não tanto pela sua poesia mas quanto ao que existe de afinidade intelectual e humana entre ambos, o autor deste *Poemeu* acha-se umbilicalmente filiado a segunda dessas correntes. E nela se realiza, constante ou vário, na simbiose interior de motivos que se comunicam do sentir alheio ao sentir particular, apresentados geralmente através de uma linguagem simples e coloquial (O MEU SENTIR DOS OUTROS). A parte final do livro é constituída de sonetos, os mais belos que temos lido em língua portuguesa.

[...] Do exposto, somos de parecer que o volume *Poemeu* seja premiado de acordo com o Regulamento dos “Prêmios do Estado do Amazonas”.

Antonio Vinicius Raposo da Câmara – Presidente; Djalma Batista; Álvaro Reis Páscoa; Randolpho Bittencourt; Jorge Tufic (Relator); Elson Farias; José Matos Filho; André Vidal de Araújo e Genesino Braga.

Já enfatizei, daí a facilidade em vislumbrar a sina deste premiado livro. Apenas quinze a nos depois, por insistência e devotamento de seus amigos, a obra veio a lume. Alguém disse algo semelhante: da premiação de 1º lugar ao lançamento, quinze anos os separam.

O poeta Alencar e Silva realiza uma competente Apresentação:

Não será necessário, evidentemente, esperar-se que a atividade crítica propriamente dita se detenha no estudo da poesia amazonense pós-54, para que só então se proclamem as excelências da poesia de L. Ruas. Parece-nos, antes, que devemos fazê-lo desde já, por imposição de sua própria e poderosa realidade. [...]

Depois de comentar o interregno de três quinquênios até o aparecimento, o apresentador enobrece o gesto:

No entanto, e não por acaso, podemos aí observar o modo de ser de L. Ruas, a par com o que há de episódico na atividade editorial local: enquanto muitos se expõem não raro por tão pouco, até

mesmo aos fiascos da aventura editorial, soube ele esperar que tempos menos hostis à inteligência trouxessem de volta ao nosso povo a alegria criativa. E, de novo, o canto, as vozes dos nossos poetas, preparando o cenário da eterna ressurreição da esperança. E reunindo outra vez a Nação em torno de sua luz sagrada.

O ânimo do autor de *Lumamarga* pugnando por novos tempos, pode ser captado no processo editorial pela abertura das Edições *Puxirum*, com sede à rua Barroso, 293 (então residência de Elson Farias), aceitando inclusive pedido pelo serviço de Reembolso Postal. Não é o caso aqui de averiguar, mas quantas publicações circularam com esta nova marca? E o reembolso terá sido utilizado? Espero que um dia alguém mais astuto que eu nos diga.

16

Homenagens Póstumas. Falecido em abril de 2000, depois de longa enfermidade que o reteve em domicílio, L. Ruas não desapareceu da lembrança de seus amigos e admiradores. O governo estadual foi o primeiro a consagrar a memória de seu professor. Por Decreto nº 21.668, de 1º de fevereiro de 2001, crismou com o nome de *Escola Estadual Pe. Luiz Ruas*, destinada ao ensino fundamental e médio, situada à rua Bom Jesus, 7630, no Zumbi III.

Depois foi a vez do governo municipal. Um ano depois de sua morte, em abril de 2001, a Prefeitura de Manaus inaugurou o Centro Municipal de Educação Infantil e outorgou-lhe a denominação de *Pe. Luiz Ruas*. Este centro está situado na rua Ponta do Vento s/n, no bairro do Mauazinho.

Por último, na gestão do Reitor Walmir Albuquerque Barbosa (1998-2001), a Universidade Federal do Amazonas lembrou-se do emérito professor, denominando de *Pe. Luiz Augusto de Lima Ruas* o pavilhão destinado ao Instituto de Ciências Humanas e Letras.

17

Despedidas. Ao falecer no Hospital da Unimed, em 1º de abril de 2000, para onde foi removido quando mais se agravou seu quadro de saúde, Luiz Ruas abandonou definitivamente a casa onde morou a vida inteira, para contar uma *nova vida*. Verdade seja expressa: sua vocação sacerdotal que para muitos parecia desorientada, fracassada, em nenhum momento sofreu de parte dele desalento. Sua confiança na Igreja Católica era patente, os mais próximos (colegas sacerdotes e amigos) podem testemunhar. Demonstração concreta desta veneração pode ser extraída do fato de que, mesmo com dificuldades graves de saúde, transmitiu aos que o assistiam o desejo de ser sepultado com os paramentos usados em sua ordenação sacerdotal. Mesmo conhecedor de que os tempos mudaram, o *velho clown* lembrou: “Hoje, como outrora, nós te amamos, / E se funda nosso amor nesta certeza / De que nos ensinaste: do pranto nasce o riso; / A dor, da gargalhada; o canto, do silêncio; / Do palhaço que morre, a dança inacabada”..

As vestes eclesiásticas, guardadas com devotamento pelo padre Ruas que, embora andando por caminhos conturbados e até deixando transparecer desvio da Santa Madre Igreja, compõem um belo quadro final. Do filho bem amado, que ao seu modo tanto se dedicou à sua Igreja Católica.

No mesmo endereço em que morou, separado por uma breve ausência passada na avenida Sete de Setembro, despediu-se da vida. O gesto parecia encarnar a árvore, tema de sua crônica (A CRÍTICA, 19.09.1957) que, assim como ele, tombara abraçando e emocionando a rua tão doméstica. Não apenas a rua, Ruas comevou a Cidade.

É bem melhor ler dele as *Palavras à árvore morta*:

Ainda verdejantes eram suas folhas quando a árvore tombou, abraçando a rua. Tombou numa rua estreita, pequena, apertada e suja. Na rua onde nascera e onde vivera durante muitos anos. Assistiu a derrubada de muitas outras árvores se não assistiu pelo menos, teve notícia do fato. O vento, de quando em vez, chegava e, ainda trazendo em suas mãos os suspiros das árvores guilhotinadas, falava-lhe do acontecido. Bem naquela época ele (o fícus) anda era muito jovem. Seu tronco bem esguio, fino. Seus galhos tenros. Alegre, sentia a impetuosidade da seiva subindo e descendo febrilmente no seu verdoengo organismo púbere. Por isso não sentia todo o drama das velhas mangueiras e das outras árvores assassinadas. Entristecia-se, é verdade. Parava por alguns instantes o jogo dos seus ramos mas, logo depois, voltava à expansão vivaz

da adolescência.

Anos depois, isto é, há dois dias, ele sentiu que algo estranho sucedia dentro de si. Uma espécie de tristeza, uma agonia uma angústia. O vento, novamente, sussurra-lhe aos ouvidos de folhas, já agora ásperas, que mais umas árvores haviam sido destroçadas, decepadas, mutiladas.

E o ficus desprovido da inadvertência da mocidade, o ficus, abalado por tanto males, não resistiu à notícia. Sentiu que a seiva estacava dentro de seu tronco calejado pelas pedras duras do calçamento, sentiu que alguma coisa estava se rompendo e... com estalo de dor, tombou, abraçando a sua rua, acariciado pelo vento que, absolutamente, não compreendia a razão do colapso. Mas, assim mesmo, chorava.

A mídia que deveria proclamar a vitória do *clown* silenciou. Por estranho coquetel, *A Crítica*, no dia imediato convocando os jovens para um concurso literário, ilustrou a matéria com a capa de *Aparição do Clown*. Era o momento de lamentarmos, de chorarmos, mas, como nos reconfortando, L. Ruas escreveu sua *despedida*:

e o velho clown partiu beijando ainda
o brinquedo que a criança abandonara
no velho palco parque ou tempo sem memória.

Requiescat in pace, padre L. Ruas (1931-2000).

Referências

- AGUIAR, José Vicente de Souza
Manaus: praça, café, colégio e cinema nos anos 50 e 60. Manaus: Valer, 2002.
- ALENCAR E SILVA, Joaquim
Poesia Reunida.. Manaus: Imprensa Oficial, 1987 (Ed. Puxirum).
- ASSIS BRASIL
A poesia amazonense no século XX (antologia). Rio: Imago, 1998.
- BESSA FILHO, Manoel
Jornal Velho: Crônicas. Manaus: Nortgraf, 2001.
- COSTA, Selda Vale da; e Azancoth, Ediney)
Cenário de Memórias – Movimento Teatral em Manaus (1944-1968). Manaus: Ed. Valer / Governo do Amazonas, 2001.
- ENGRACIO, Arthur
Antologia do novo conto amazonense. Manaus: Ed. Madrugada, 1971.
- FARIAS, Elson José Bentes
Cem anos de fé na floresta: centenário da arquidiocese de Manaus. Manaus: Imprensa Oficial, 1993.
- LINS, José dos Santos
Seleção literária do Amazonas. Ed. Governo do Amazonas, série Raimundo Monteiro. Manaus: Sergio Cardoso, 1966.
- LOBO, Narciso J. Freire
A Tônica da descontinuidade – Cinema e Política em Manaus nos anos 60. Manaus: Imprensa Universitária, 1994.
- NOGUEIRA, cônego Walter Gonçalves
Sindérese sobre a Faculdade de Filosofia do Amazonas. Manaus: Sérgio Cardoso, 1962.
- PEREIRA, Jayme (org.)
Semi-Antologia UBE-AM. Manaus: Imprensa Oficial, 1977,
_____. (org.)
Prosadores do Amazonas (Antologia UBE). Manaus: [s.ed.], 1982
_____. (org.)
Poetas do Amazonas. Manaus: ???, 19??.
- ROCQUE, Carlos
Antologia da cultura amazônica. v.2 Poesias. Belém: Amada, 1970.

SAMUEL, Rogel

Pássaro em voo. in Leituras da Amazônia, revista do ICHL. Manaus: Valer, 1999.

TUFIC, Jorge

Clube da Madrugada: 30 anos. Manaus: Imprensa Oficial, 1984.

_____.

Existe uma literatura amazonense? Ensaios. Manaus: Imprensa Oficial, 1982.

VILLAÇA, Antonio Carlos

O Nariz do Morto. Coleção Prestígio. 5. ed. Rio: Ediouro, 1970.

Revista:

NOSSO SÉCULO – São Paulo: Abril Cultural, 1980.

Memória fotográfica do Brasil no século 20. v. 5, 1960/1980.

Jornais:

COSTA, Lisangela. O humanismo de Luis Ruas. O ESTADO DO AMAZONAS, Manaus, 5 de junho de 2004.

L. RUAS. Da boemia. JORNAL CULTURA, Manaus, n. 3, setembro de 1970.

L. RUAS. O enigma esclarecido. DIÁRIO OFICIAL DO AMAZONAS, Suplemento Literário, Manaus, outubro de 1987.

MENDONÇA, Roberto. Três datas históricas: crônica. AMAZONAS EM TEMPO, Manaus, 19 de novembro de 1998.

NOVOA, Carmem. O Instituto Christus. AMAZONAS EM TEMPO, Manaus, 13 de junho de 2004.

TELLES, Tenório. Lembrar L. Ruas. A CRÍTICA, Manaus, 12 de junho de 2004.

VIEIRA, dom Luiz Soares. 50 Anos da Rádio Rio Mar. A CRÍTICA, Manaus, 14 de novembro de 2004.

Internet:

www.clownvirado.com.br/luizruas

www.geocities.com/rogelsamuel

www.galvezbotequim.com.br/luizruas

Entrevistas

(Aconteceram entre fevereiro e setembro corrente, sem a conseqüente datação. Daí minha disposição em relacionar os entrevistados em ordem alfabética).

Ana Holanda Gonçalves
Arlindo Augusto dos Santos Porto
Benedita da Silva Rodrigues
Carlos Eduardo Gonçalves
Cristóvão Albuquerque de Alencar Filho
Edson Paiva
Elson José Bentes Farias
Euza Maria Naice de Vasconcelos
João Bosco Araújo
Joaquim Alencar e Silva
Joaquim Marinho
Jorge Alauzo Tufic
Jorge de Andrade Normando, padre
José Amaral de Oliveira, monsenhor
José Gaspar
José Jefferson Carpinteiro Peres
Luiz Bacellar
Luiz Gonzaga de Souza, padre
Manoel Bessa Filho
Marília Menezes, Irmã
Moacir do Couto Andrade
Nelson Porto
Neusa O. Oliveira
Nivaldo Santiago, maestro
Orígenes Angelitino Martins
Óscar Ramos Filho
Rogel Samuel

